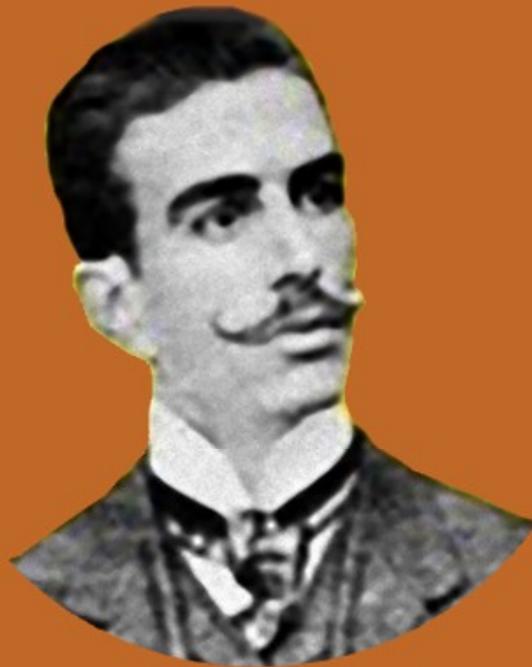


Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Almachio Diniz  
*Mundanismos*

Contos



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Almachio Diniz

## *Mundanismos*

---

Publicado originalmente em 1911.

**Adolfo Ferreira dos Santos Caminha  
(1867 – 1897)**

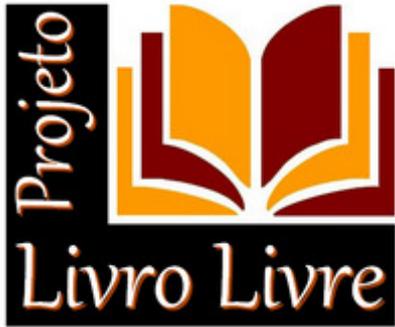
“Projeto Livro Livre”

**Livro 172**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Almachio Diniz: “*Mundanismos*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

Almachio Diniz Gonçalves nasceu na cidade de Salvador, em 7 de maio de 1880. Faleceu no Rio de Janeiro, na data de 2 de maio de 1937.

Foi advogado, jurista, professor, escritor e poeta brasileiro.

Era filho do farmacêutico e naturalista Adolfo Diniz Gonçalves e de Maria Rosa Guimarães Diniz Gonçalves.

Três anos após formar-se em Direito, tornou-se lente mediante concurso da Faculdade Livre de Direito da Bahia, especializando-se no campo da filosofia jurídica. Transferindo-se para o Rio de Janeiro faz-se catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, lecionando Direito Civil. Foi um dos fundadores da Faculdade Teixeira de Freitas, em Niterói. Registra Alberto Venâncio Filho que, quando candidatara-se à vaga na Academia Brasileira de Letras deixada pela morte de Euclides da Cunha, Almachio encontrou por oponente outro autor baiano, Afrânio Peixoto, então jovem médico e que, tendo escrito crítica favorável a Mário de Alencar, foi lançado por este candidato mesmo sem o seu conhecimento e estando em viagem à Europa. Num gesto em que procurava abortar o opositor, Almachio apresentou à direção da Casa um pedido de impugnação, onde argumentava que a candidatura do rival havia sido apresentada extemporaneamente. A impugnação foi rejeitada, e Peixoto, eleito.

Em seus argumentos, Almachio ataca a candidatura de Afrânio Peixoto: “Quero a sua valiosíssima atenção de caráter pujante e inquebrantável, diante de todas as heroicidades – não é lisonja porque não a sei tecer – para o escândalo que cometeria a Academia se sufragasse em maio próximo um nome que não foi candidato dentro dos termos do Regimento da Academia. A sua intervenção livrará a belíssima Instituição de uma derrocada moral lastimável. Creio na sua ação em benefício do renome da Academia.” Outras três vezes procurou o ingresso na instituição maior das letras brasileiras, em todas elas fracassando no intento.

Suas candidaturas renderam um livro, publicado em 1999, por Renato Berbert de Castro.

Foi Almachio Diniz o Presidente de Honra da Academia Baiana de Letras, entidade formada em 1911, proferindo o seu discurso de instalação, ali ocupando como membro-fundador a Cadeira de número 111. A instituição, contudo, não prosperou, desaparecendo.

Finalmente, em 1917, sob auspícios do então governador Antônio Moniz, com a fundação da Academia de Letras da Bahia, é seu membro-fundador, ocupando a Cadeira 37.

Em 1934 faz-se membro-fundador da Academia Carioca de Letras, onde ocupa a Cadeira 3 (onde foi sucedido por Evaristo de Moraes); foi também correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, do Instituto dos Advogados Brasileiros.

Legou Almachio Diniz mais de cem obras publicadas. Versando sobre literatura, direito, história e outros temas, no dizer de Antonio Loureiro de Souza tinha "...uma formação enciclopedista rara entre seus contemporâneos. Nos diversos ramos da cultura humanística foi brilhante e profundo (...)" Dentre suas obras, destacam-se: *Ensaio Filosófico Sobre o Mecanismo do Direito*, *Pavões*, *Zoilos e Estetas*, *Questões Atuais de Filosofia e Direito*, *O Diamante Verde*, *A Carne de Jesus*, *Um Artista da Moda*, *Serpente*, *Mundanismo*, *Troféus em cinzas*, entre outros.

*Wikipédia*  
*Janeiro, 2014*

# ÍNDICE

Dedicatória.....	1
A taverna de Madame Berthon.....	2
Ao despir um <i>pierrot</i> .....	6
De como o avarento morreu.....	11
A Consulesa.....	17
Amores no claustro.....	23
Depois do cometa.....	28
A húngara.....	34
Irado até à cura... ..	41
Á vista da denuncia.....	47
O primeiro filho.....	52
Os dois espelhos.....	57
O velho médico.....	62
O poeta moribundo.....	66
Voluptuosas.....	71
Neda.....	77

# DEDICATÓRIA

A

GUERRA JUNQUEIRO

*L'art veut imiter la nature. Nous faire éprouver les sensations et les sentiments que la vie nous impose ou pourrait nous imposer, tel est son premier souci. Le romancier et le dramaturge comme le peintre, le sculpteur comme le musicien s'essayent à faire dans la fiction, comme la vie dans la réalité. Au fond de chaque œuvre d'art il y a toujours en somme—que ce soit par imitation étroite ou libre évocation—une réalité reproduite de la vie.*

CHARLES ALBERT

*O conto, assim desataviado, exprimido, é apenas suco e, se não agrada à visão, interessa o sentir. Falta-lhe horizonte, mas o espaço, por isso mesmo, é mais vasto, sem empecos: segue-se livremente a ação que a descritiva, por vezes, compromete.*

COELHO NETTO

## A TAVERNA DE MADAME BERTHON

*No terraço do “Café Leontina”, agasalhados em seus lanzudos pardessus, ODORICO e WENCESLAU, dois tipos mundanos, essencialmente mundanos, conversavam surdamente...*

*Súbito, passou por eles e sumiu-se portas a dentro, uma figurinha de sacudida mulher, muito morena e muito sensual, despejando olhares cupidos por todas as bancas.*

*ODORICO enlanguesceu-se, e, como uma reação, assinalou, assim, a passagem da esquisita-mulher com uma lembrança cruel...*

—Sempre é curioso este “Café” em matéria de mulheres. Não vejo esta “Menina Leontina”, como a chamam, que não me recorde logo da infeliz Madame Berthon.

—E tu, meu caro Wenceslau, és bem a crônica viva de toda a feminidade desta terra. Não ha uma mulher de quem não tenhas informações, anedotas, segredos, sobre quem não lances um episodio de curioso entrecho.

—Não conheceste também a Madame Berthon?

—Somos os dois extremos: nada escapando ao teu saber e tudo me sendo ignorado...

—Era uma vaporosa copia de Helena, capaz de mover guerras, e tentar a inspiração do artista mais rude para produzir uma obra-prima.

—Alguma divindade incógnita...

—Não, mas a causadora de duas mortes: um assassinio e um suicídio. Quem a visse na simplicidade das suas vestias, no comum dos seus gestos, e na temperança dos seus costumes, não diria jamais que era a senhora absoluta de um corpo de estatua, para ser copiado pelo cinzel mais inspirado... Não se julgue a felicidade dos fins pelas venturas que povoam a estrada por que trilhamos. Muitas vezes, um momento de tranquilidade agora é a sementeira de um incomensurável estado de atribulações mais tarde. Madame Berthon despejava invejas a todas as mulheres do seu conhecimento. Desta casa tirava ela os meios de sua subsistência. Vi-a muitas noites, e sonhei com o taciturno aspecto de seu semblante. Taciturno, sim, porque, no meio da mais ruidosa alegria, aquela mulher era como uma virgem pálida a que nenhum excesso dê o rubor das faces... Sorria, mas o seu sorriso revestia-se de uma algoz cambiante de tristeza. Tinha a corte de poderosos pretendentes, mas decidia-se ordinariamente pelos mais fracos. Se ouvia a repulsa de alguém, era, ao depois, de um excessivo carinho para com o repellido. E, se a ninguém prometia, a

nenhum negava, e a todos faltava... Curiosíssima mulher! Os seus hábitos eram os de uma leviana, mas a sua alma contrastava com a sua existência costumeira. Esquisita mulher, Odorico, muito esquisita, senhora de muitos corações se tivesse querido, entretanto escrava de um só que a levou, finalmente, à sepultura. Durante algum tempo a sua tragédia foi a nota do dia. Um assassinio e um suicídio...

—Foi sempre assim: em cada mulher ha o gérmen de uma fatalidade, mas, em algumas, ha a sementeira de muitos casos fatais.

—Espera, Odorico, espera. Não condenes a desventurada pelos primeiros tons de sua historia. Juiz mais severo do que eu, não conhecerás, por certo, para o julgamento dessa gente que pisa sobre escândalos, que veste escândalos, e que escandaliza o próprio escândalo. De ordinário, a mulher é o algoz, parecendo a extrema fraqueza. Neste caso, porem, Madame Berthon foi, apenas, a vítima. Se crime ela teve, foi o de amar o homem que a assassinaria mais tarde. E amou... conjugalmente, porque nunca traiu aquele com quem coabitava. Às desoras, lá para as tantas, assim numa hora de madrugada quando o vigilante galo de Ares cantaria tatalando, como dois esposos, ela e o amante daqui saíam e recolhiam-se calma e honestamente. De feio que era, o homem haveria de enciumar-se até de si mesmo, descrendo de ser ele o galã de uma fêmea tão jeitosa. No mundo dos amores, ha, entretanto, essa espécie de compensações: o feio é conjugado com o bonito, e reciprocamente, o bonito com o feio... Daí a naturalidade daquela união de Gaspar com a Madame Berthon. Mais de noventa noites durou aquele consorcio espontâneo. Aqui vinha eu, e naturalmente, cortejava à mulher gentil, espionando sempre o amante. Os homens todos, Odorico, saudavam-na com um mesmo entusiasmo viril, como os armentios saudariam, com ardente fé, a vinda do outono, porque é a estação das colheitas. Na manhã de um domingo, porem, no ninho dos dois amantes, lá para as águas furtadas de um sobrado, foi ouvido um movimento oucubo. Vizinhos, espicaçados pela anormalidade, atenderam ao que se passava na moradia de Madame Berthon. Depois de acalorada discussão, durante a qual o assassino descera as vidraças, cautelosamente, para não ser ouvido pelos estranhos, os estampidos de dois tiros indicaram um triste acontecimento no interior daquela casa. Momentos após, Gaspar, conduzindo uma bolsa de mão, descia os dois lances de escadas, abria as portas, e saía, meticuloso e tranquilo, trancando às suas costas a entrada no sobrado em que cometera o assassinato de Madame Berthon. E, como um homem feliz, lá se fora rua abaixo. Quem o visse, não lhe diria o autor de um crime, muito menos quando, no desempenho de um habito, asseava os botins, e olhava serenamente o movimento das ruas...

—Revolto-me já contra esse perverso.

—Pois bem! O móvel do crime fora o roubo e todas as poupanças daquela operosa mulher estavam furtadas na bolsa que Gaspar segurava zelosamente.

Em torno da casa de Madame Berthon, com o caso estranho dos dois tiros, populares encostavam-se nas redondezas do edifício suspeito, arrastando-se como lêmures amerios em trilhas brancas de areais desertos. Vozes surdas contavam as suposições de um crime; a suspeita avolumou-se... O rochedo na da desconfiança vestiu-se fartamente com os ouropéis das espumas brancas dos comentários. Pelas janelas descidas, olhos mais perspicazes queriam ver logo os indícios vivos do bárbaro crime. E o tempo era bastante para que o assassino asseasse as botas e penetrasse no Hotel onde tinha hospedagem oficial. Nos populares tressuou a vontade da denúncia, e um indicou a presença próxima de um delegado. Era preciso animo também para se ir retirar a fescenina autoridade do seu aninhamento concupiscente ao lado de uma concubina... Tudo o mais foi rápido. Num instante abriu-se com violência a entrada. Um obstáculo apareceu: a porta estava presa, como que escorada por dentro. Que seria que obstava o seu movimento? Uma cabeça afoita enfiou-se por uma nesga, e voltou transfigurada, anunciando somente: “Está morta”. Outros tipos mais curiosos vieram, ajeitaram-se e penetraram com a autoridade. Estatelada sobre o chão, Madame Berthon, numa nueza arrebatadora ainda não tinha a gelidez dos cadáveres, mas já era morta. O seu tórax derramava coalhos de sangue escarlata. E sobre as suas formas nuas, nada, senão as meias presas com atilhos de fitas rubras, e as pequenas sapatinhas...

—Que miséria!

—Já conheceste a vítima. Daí por diante a ação foi sobre o agente. A perseguição popular foi ter ao Hotel, e, quando os primeiros perseguidores foram percebidos, com a mesma arma, alvejando as suas próprias têmporas, Gaspar era um suicida... Não calculas a impressão que esse crime deixou no meu espírito. Eu vi a nudez de Madame Berthon, e senti que o assassino não tivesse ficado vivo para pagar com a reclusão da vida a barbaridade do assassinio de uma mulher, cujo corpo escultural seria capaz, como o de Mnezarete, de vencer austeros Areópagos... se desvendado fosse tal como eu o vi... E nota, Odorico, que um corpo morto, por mais belo que seja, é menos do que o vivo, porque, quando nada, lhe falta essa umidade quente que é o fluido mais sensual do mundo. Diante de carnes como as de Madame Berthon, só naturezas muito fortes não cederão à necrofilia... Então ela que possuía um nevo sobre o quadril direito...

—Sensualizas tudo, Wenceslau!

—E que é que escapa, neste mundo, da sensualidade? A própria morte, como tu deves saber, é um pedaço de sensualismo microbiano... Quantas fecundações danadas na hora extrema de um ser?!... Porque, senão pela força dos sexos, baqueou a inditosa Madame Berthon?!... Recorre à instancia do amor que toparas com a absolvição da mulher, e carregará a mão na dosagem da condenação do homem algoz.

—Contudo, sou contra sempre a defesa da mulher. Esta tem sido condescendentemente tratada. Menos liberdade para ela, mais rigor no senhorio dos homens.

—E como influiria tudo isto para que Gaspar não vitimasse Madame Berthon?

—Seria preciso, Wenceslau, que eu te contasse a historia desde o começo do mundo, e é coisa que não se sabe é a data da primeira traição da mulher, de tão distantes tempos vem ela.

—Andas atrasado nisto, Odorico. A mulher teve o seu primeiro ato numa traição do homem, e formada de uma traição, porque foi necessário que Adão adormecesse para que Jeová, traíndo à perfectibilidade da sua obra, lhe tirasse uma costela do corpo afim de formar Eva, ela não poderia ser contraria à sua origem...

—És rigoroso demais...

—Não sou, não, meu caro. Um grande filósofo, cuja obra leio todos os dias e quanto mais leio mais ela me ensina, observou bem o que te digo e escreveu precisamente: “As mulheres têm sido tratadas até aqui, pelos homens, como pássaros que, descidos de uma altura qualquer, se perderam no meio deles: como qualquer coisa de estranho, de delicado, de frágil, de selvagem, de doce, de arrebatador—mas, igualmente, alguma coisa que é necessário engaiolar para que se não vá embora num vôo”... Que é isto senão o reconhecimento do espírito traiçoeiro de nossas Evas?... Ao demais... estamos muito fora dos eixos... Que bebemos agora?...

*Fora do terraço do “Café Leontina”, solenemente encapotados, dois policiais nem tinham alma para andar, tamanho era o frio da alta noite...*

## AO DESPIR UM PIERROT

*A noite, lunarmente clara, envolvia em prata o recinto virginal, em que, sem aceder ao sono, CRISTINA se divertia, mostrando ao astro lúbrico os tons róseos de sua carnção perfeita como se talhada em mármore rosado e úmido.*

*Aquele silencio luarento povoava as sombras de tétricas visões; mas sofrendo o conflito das ideias de uma traição de NARCISO e da lealdade perquiridora de STELA, a desacordada mulher caprichou de não dormir enquanto a espiona não tornasse do baile à fantasia.*

—Reconheceu-te, Stela?

—Como me reconhecer?... Quem te disse estar ele no baile?

—Não o viste?

—Compreendo-te, agora; empolgou-te a idéia de que Narciso estaria no baile, e, escrava dessa suposição, criaste todo um sistema de desconfianças, que começaram de traduzir-se, muito naturalmente, naquela tua frase.

—Viste-o?

—Vi-o. Porque arregalas deste modo os olhos? Não esperavas esta noticia?

—Esperava. Mas, como todo o mundo que espera a nova de um desastre com uma pontinha de esperança em contrário, supus sempre que não pusesses os olhos sobre ele. Embora traída, eu quereria não ser sabedora do mal...

—Arrependo-me de ter sido exata. E prudente, Cristina, que te não obstines em agravar o acaecido. Não remediarás o mal, não é assim? Pois, coração à larga. Narciso foi. Eu o vi. Medi-lhe as ações. Acompanhei-o por toda a parte. E, nem sequer, ele maldou de que uma *pierrot* o acompanhasse. Se tu lhe falas, terás de dizer-lhe quem foi espionar-lhe os passos de homem livre...

—É o que te parece: livre?...

—Pois não é livre Narciso?

—Digo-te que não!

—O teu noivo não tem a liberdade comum a todos os homens do mesmo estado?

—Repito-te que não.

—Pois, minha amiga, para o meu sentir, todos os noivos, longe das vistas da mulher amada, ficam sendo o que são: homens solteiros...

—Narciso difere dos outros...

—Ufa!... Cristina!... Vou tirando o *pierrot* que me acalora as carnes...

—O noivado é um começo de intimidades, que se distendem, mais ou menos, conforme as razões de ser do amor vigiado. Naquele avarandado semi-escuro, onde passamos todas as noites, por isso mesmo que estamos assegurados na nossa posição, com a possível presença imediata de todos os de casa, as nossas intimidades seguem uma derrota que me dá o direito de exigir de Narciso maiores fidelidades do que tu pensas...

—Olha, Cristina, como o cetim vermelho desbotou e nodoou rubramente o colete... Oh!... envermelheceu-me o colo também... Que fazenda ordinária, esta!

—Isto larga... Dois meses, depois, de noivado, Stela, as confidências das almas passaram às do corpo... Ah!... O primeiro beijo ainda foi mais cedo... Tinha eu três dias de pedida... Na hora do adeus, deserta a rua, os seus lábios roçaram sobre os meus olhos, e os seus bigodes produziram-me um frisson nas carnes, com o qual eu me teria entregue ao mais terroroso dos homens. E Narciso, pelos estremecimentos de meus dedos que ele segurava entre os seus, sorriu—um sorriso mais lindo do que um raio de sol!—e, sem o querermos, talvez, por certo instintivamente, os nossos lábios se encontraram...

—Vê, Cristina, como ficaram as minhas calças...

—Desbotou nelas o cetim?

—Alguma coisa. A cor amarela é mais fixa do que a vermelha... Mas, estão para ser exprimidas... Que sudorífico!

—Despe-te logo. Pareces, com os teus costumes, que os teus olhos são de um homem que acompanhasse o desnudamento dos segredos de teu corpo... Avia-te, afim de que me contes o que viste...

—Dir-te-ei centos de coisas novas...

—Apeteço o conhecimento do que sabes. É uma infelicidade ter-se um pai, como o meu, que se indignaria contra mim, tolamente, se soubesse que eu fora a um baile público espionar os desvarios de meu noivo... Ah!... Como eu seria venturosa, se pudesse ir, como tu, a toda a parte que cobiço...

—Nem tu calculas palidamente o que por lá se vive...

—Apressa-te, Stela!

—Acaba, primeiramente, o que contavas... Não quero perder a boa hora de confidências que inauguraste...

—Pouco mais tenho para te dizer... Depois do primeiro beijo, os contatos... Em seguida, as mutuas confianças, mais um arregaçamento hoje, mais uma ternura amanhã... Um dia, porém, por mais que eu lhe resistisse, desejou ver-me o começo das pernas... Intimidades, Stela, intimidades, próprias, comuns e infalíveis entre todos os noivos... Eram elas que me garantiam, até hoje, a constância de Narciso, e, quando vejo, como agora, que o que lhe faço já se torna pouco para o prender na fidelidade acordada, adianto-lhe um pouco mais, sem contudo deixar que ele perceba o manejo de fazer crescerem as concessões, na medida em que venha o seu enfartamento pelas anteriores... Conta, agora, o que tu viste...

—Deitemo-nos, primeiro... A fadiga luxuriosa me alquebra os membros e o corpo quer distender-se nervosamente num leito macio...

—E onde ficou Alberto?

—O meu primo?

—Sim.

—Deixou-me ao entrar aqui. Pela nossa compostura fomos dois *pierrots* da maior sensação! Nem calculas como é deliciosa a companhia do meu primo nestes momentos... Ao depois, lembrou-me, com um calculado jeito, pelo caminho, tudo quanto mais impressionou os meus sentidos. Soube corresponder à minha excitação, não cometendo maiores pecados do que me beijar nas passagens mais sombrias das ruas...

—Invejo-te, Stela!

—Bem poderias ter ido...

—Qual nada!

—Entrei e sair sem que teu pai desse tento, pois não foi?

—Isto é fácil para ti...

—Procurou-te o teu pai durante a minha ausência?...

—Não!

—Aí está! Tinhas ido comigo e seríamos duas a comentar o que víssemos... Lá estava Narciso... Foi um dos juízes no julgamento do baile. Custei a topar com ele. Só em meio da festa deparei com ele numa das banquinhas do *buffet*. Mais de vinte homens e mulheres...

—Mulheres, também?

—E então? Tu pensas que haverá quem resista à solidão naquele caos de sensações estranhas? O Lourival, marido da Conchinha, mais o Ramalho, casado com a Lucinda, lá estavam, cada qual com a sua mascarada...

—Narciso também?

—Não te espantes senão se eu te disser que ele era o único que não tinha uma mulher fantasiada ao seu flanco...

—Como isto me incomoda! Quando o vi, aqui, promover o arrufo, pensei logo na traição. Aquele semblante enfarruscado não era sincero...

—Ao seu lado estava uma *écuyère* italiana: deves gabar-te do gosto de teu noivo. Não se acompanha de mulher feia. É serio...

—Era bonita a que o seguia?

—Linda, Cristina: *mignon*, alva, loura, e, com um arrebatador decote, exibindo um colo mais branco do que um pedaço de neve, do meio da qual, como uma abelha sobre uma pétala de gardênia, um negro sinal era tido como mascote...

— Já agora me penso feliz por não ter ido lá.

—Que teria se tu tivesses ido?

—Não me conteria.

—Ora, Cristina! Serias a primeira a deixar tudo para veres como o teu noivo sabe gozar uma mulher. Não dirias nem uma palavra, mas lhe acompanharias a pessoa como a sua sombra. Quando não te agradasse fecharias os olhos. Vi-o, por exemplo, encher a boca de *champagne*...

—Nada mais natural.

—É o teu erro. Quem não sabe é como quem não vê. Pensas, então, que ele tomou a bebida de dentro da taça?

—Sim.

—Pois não! A *divette* foi quem lhe passou o *champagne* colando os seus nos lábios dele... Garanto-te que não sabias deste modo de acariciar...

—Confesso-te que não.

—Aí está. Verias a *droiture* com que o teu noivo se curvou, encostou nas suas as faces da encantadora mulher, colou-lhe os lábios e sugou-lhe a entontecedora bebida...

—Como deve ser bom esse carinho!

—Ao depois, beijaram-se...

—Aos olhos do publico?

—Sim.

—Ah!... Se eu estivesse lá...

—Não farias senão nada. Eu, pelo menos, nessas ocasiões de grande excesso, ali mesmo me voltava, e, se não fossem as nossas mascaradas, creio que, incondescendente, devoraria Alberto de beijos... Não conheço, Cristina, nada que excite mais do que aquelas danças. Um conto de Calibã é menos excitante, e um par dançando é bem um conto luxurioso escrito com a alma e a carne mais quentes, para ter o ponto final de um beijo. Os corpos estreitavam-se brutalmente, as pernas se entrançavam, as mãos, servindo de opressores, estreitavam os troncos e cada par, assim enlaçado, cabeça descaída sobre cabeça, parecia um corpo só com a monstruosidade de quatro pernas... Esquisito, sem igual... Homens e mulheres não se distinguiam na fúria dos sentidos...

—E Narciso dançou?

—Não. Nem todos dançam. À parte, pelo jardim e nas mesas do *buffet*, os que não estavam fantasiados, se divertiam à grande, mas um pouco retraídos das vistas do grosso publico, porque só no salão eles escandalizariam...

—Todavia, vingar-me-ei...

—Poupa-o, Stela... O pecado é divino... Vinga-te em mim...

*As duas mulheres, num longo beijo, abraçaram-se e confundiram-se, cada qual na ideia mais fixa de ter ao seu lado um outro ente...*

*A lua, devassamente, iluminou-lhes, até quando quis, os seus belos corpos de uma semi-nudez pagã...*

## DE COMO O AVARENTO MORREU...

*Quarto humilde, úmido e infecto, mal iluminado, e sem moveis:—uma enxerga, e sobre esta, em inquieta agonia, MANUEL CARLOS proferia blasfêmias.*

*Ao seu lado, a NEGRA, que era uma amante retinta, carnuda e fortalecida com as sabugens da avareza, acompanhava com os olhos cautelosos a agitação do moribundo angustiado.*

*Doutro cômodo da mansarda, partia um movimento suspeito, mal percebido, a principio, pelo enfermo, que entrava numa última reação da vida contra a morte.*

*Nesta hora, da doença, por entre as chocantes palavras de MANUEL CARLOS, ouvia-se, também, o rim-rim-rim dos seus dentes que rangiam como uma lima ativa sobre um pedaço de ferro...*

—E creio que me vou mesmo! Nem sei como se morre assim, quando muito dinheiro ainda eu poderia acumular dentro do meu cofre. A vida é um pedaço de ouro comprado com um milhão de moedas... A morte é uma ladra que nos furta, para esbanjar entre muitos, o ouro que tanto custa a reunir... Sou rico! Digo-o com um cordial prazer. Também trabalhei como uma alma possessa. Não houve domingo nem dia santo, que me dessem descanso, à chuva e ao sol, alta madrugada e avançada noite... Rim... rim... rim... rim...

—Como ele range os dentes?!...

—Todo o dia, a mesma coisa... Rompendo a madrugada, ia para as cavaliças despertar aqueles miseráveis todos que dormiam, como massas de feno, nos recantos das manjedouras. Às vezes, chovia como um dilúvio. E eu, com o corpo quente da cama, cortava o pátio, metido no meu capote de lã, e, menos feliz do que os meus assalariados que ainda dormiam, tiritava, muitas vezes, de frio. A atividade, porem, dava-me calor e forças. Ora, muito pequeno comecei a vida nas terras da Beira, de onde sair, num dia de inverno, ha mais de trinta anos. Nesse dia, a avozinha e a mãe-Geralda levaram-me até à casa do moço que me trouxe para aqui. Ah! Deus lhe dê o reino dos céus, já que na terra eu nada lhe pude dar... Rim... rim... rim... rim... Bela pessoa, generoso ao desperdício... Que barulho é esse que ouço de instante a instante?

—São os trabalhadores no terreiro.

—Saíram hoje os veículos?

—Saíram todos.

—Mas, esse ruído parece-me muito dentro de casa.

—Talvez os cães...

—Não me veio ver hoje o Tupi. Tem sido esse canzarrão o meu maior amigo. Todas as manhãs salta sobre o meu leito e acaricia-me as mãos. Por onde andaré ele que hoje se esqueceu de mim?

—Prendi-o, inda ha pouco. Espera-se o médico, e...

—Nem pense nisso: o pobre animal se ladra não morde. Vigia-me a casa e desconhece os estranhos.

—Ladra e assusta.

—Avisa-me de que desconhecidos penetraram neste lar. Fazem-me falta as suas lambarices. Tenho-o desde pequenino, ao desmamar-se. Ha oito anos. E sempre tive o pensamento de fazer-lhe o enterro. Se ele ouvia, de longe mesmo, o tropel do animal que eu montava, ia correndo buscar-me em meio de caminho. Nunca encontrei uma criatura que se lhe comparasse em fidelidade e presteza. Tudo uma cambada! Nem sei... Rim... rim... rim... rim... Nem sei como se têm feito por aí afora os meus serviços... E hoje é o ultimo do mês. Se não se procurar, a terrível corja não paga. Nem tenho uma pessoa a quem confie esse serviço. Neste mundo só se encontram gatunos e ladrões. Um honesto, como eu, é uma realidade rara! Em tudo fui roubado, até na saúde. Dos poucos, das moedas de cobre, os simples trocos e diferenças nas compras, tu te assenhoreavas, porque me dizias que eram economias. Na minha mesa, nunca puseste um doce, uma fruta melhor. Era todo o santo dia a mesma coisa... Como me arrependo de ter deixado nas tuas mãos as economias que deviam ter voltado ao meu capital, porque dele se despediam para sempre... Rim... rim... rim... rim... Como se acaba mesquinamente uma existência operosa!... Ouço novos ruídos... Só me parece que os de agora são dentro de casa...

—Pois quem seria?

—Sei lá... Ouço coisas que só me parecem na sala da frente. Vai ver se é alguém...

—Nem precisa. A porteira está fechada, e abrindo-se ela a campainha dá sinal. Ao depois, o velho Thomé trata na estribaria dos animais em que montas...

—Vai tudo muito bem, mas não me posso conformar é com esta vida de cama. Seis dias de doença, e estou derreado como uma velha mangueira... Inda assim, considero-me bastante feliz. Não devo nada a ninguém. E, a mim, todos me devem. Depois de amanhã, vence-se uma letra de um devedor: ha de querer pagar-me os juros de quinze por cento por novo semestre... Mas ele estará enganado. Se quiser reformar, os juros crescerão. Agora só darei dinheiros a dezoito ao mês... Serviu? Façamos o negocio. Não serviu, passe muito bem...

Rim... rim... rim... rim... Acabou-se o tempo em que eu era tolo. Esta casa deu-me uma espera de seis anos. Empréstei o dinheiro e o dono fez a hipoteca por três anos. Ao depois de vencido o seu compromisso, levou engabelando-me por mais três anos... Era uma conversa fiada hoje, uma promessa amanhã, e, nada, nem juro novos, nem capital velho... Se eu não metesse advogado... Rim... rim... rim... rim... Eu sempre segui o conselho de que “poupa e os santos te ajudarão”... Não ganhei nunca quatro vinténs de que não guardasse três... Não te estou dizendo? Esse barulho é dentro de casa...

—Desta vez não ouvi nada.

—Então, estás surda. Pareceu-me que se abria uma porta e que gente andava.  
Rim... rim... rim... rim...

—Não sei que espécie de gente...

—Realmente posso enganar-me.

— Já te convences? A esta hora, nem os trabalhadores estão aqui... Ah! Esqueci-me de dizer-te: os cavouqueiros não foram hoje à pedreira...

—Miseráveis! Preguiçosos! Nem me vendo neste estado, esses malvados deixam de consumir-me. Um dia de descanso numa pedreira, é um prejuízo...  
Rim... rim... rim... rim...

—Fiz ver tudo isto a eles.

—E porque não trabalharam?

—Porque morreu a moça do mestre, e este não veio...

—Não digo?!... Foi alguma imperatriz, certamente, que morreu. Pois lá na minha terra, é que se sabe trabalhar... Lá trabalhariam até à hora do enterro. Aqui encontram a razão para muitos dias de ócio. Se eu estivesse bom, a esta hora teria tocado todos eles para a rua. Rim... rim... rim... rim... Não gosto de vadios. Fui homem que, numa vida inteira, não teve uma hora de vadiação. Sempre comi de chapéu na cabeça e esporas nas botinas. Por isso guardei meia-dúzia de contos. Digo assim meia-dúzia, mas, ao certo, nem sei quantas meias-dúzias guardei... Trabalha-se e guarda-se... Ouviste agora?

—Sim.

—E então?

—Não sabes o que foi?

—Não sei...

—O Tupi que esbarrou numa cadeira. Tranquei-o na sala de dentro, e aos outros mandei pôr as correntes...

—Vai soltar o Tupi. É inofensivo, tanta quanto é leal e cuidadoso. Nunca mereceu um castigo. Vai soltá-lo!

—Deixa-o preso. O doutor assusta-se sempre que chega e o animal avança sobre ele...

—É uma prova de lealdade.

—Que incomoda aos estranhos. Porque não bebes o leite? Queres?

—Leite?!... Ontem te preveni que leite é luxo e que não posso com essas despesas... Ainda o compraste hoje?

—O doutor mandou...

—Rim... rim... rim... rim...

—Ao depois, em caso de doença não há desperdício...

—Ora, deixa-me! Estamos a gastar de mais a mais. É o leite, é a botica, é o doutor... E melhoras? Por um óculo. Sinto-me cada vez pior. Nem das pernas sou senhor... Há três dias ainda eu me podia sentar. Hoje... nem recostar-me! Tenho quilos de chumbo nas pernas... Sei que vou morrer, se a coisa continua assim... Rim... rim... rim... rim... Fui sempre um homem conservado e indisposto para divertimentos. Não sei como a minha saúde estragou-se... Vai soltar o cachorro! Os seus movimentos inquietam-me. Já atirou outra coisa ao chão...

—Deixa o cachorro preso.

—Pode arrebentar mais alguma coisa, e serão novas despesas para mim... Que aflição sinto agora!

—Bebe o leite!

—Dá-me.

— Já se devem trinta medidas...

—Como?

—Trinta medidas do leite: seis dias a cinco medidas, três de manhã, e duas à tarde...

—Que desperdício! Não digo! Se levar aqui um mês, o leite, o médico e a botica, mais os relaxamentos dos trabalhadores me terão reduzido à miséria... Sabes que mais? Não quero mais leite... Suprima-se desde hoje...

—E com que te alimentas?

—Com água... É intolerável! Trabalhar uma vida inteira para perder tudo em oito dias de cama! Não é possível. Não sou rico, não! Toca a poupar...

—Sem o leite não poderás passar...

—Passo, sim! Quem foi que disse que não poderei?

—O médico.

—Pois passo, sim. Sem dinheiro é que nada é possível. Parece-me que se combinaram todos em roubar-me antes da morte... Tenham paciência um pouquinho! Deixem-me fechar os olhos primeiro... Rim... rim... rim... rim... Está muito direito!... Trinta medidas de leite em seis dias! Nem sei se tomei porção igual em todo o resto da vida! É ter ganho uma fortuna em mais de trinta anos para acabá-la bebendo leite, pagando médico e sustentando boticas... Não quero mais leite! Rim... rim... rim... rim... Aborrece-me a vida, porque tudo nela é má fé e plano de roubo... Ah!... Lá se arreventou tudo!... Ainda mais esta em cima: o cão preso, por um capricho, para quebrar os moveis e as louças... Mas, esse ruído que agora ouvi muito bem...

—Foi a mesma coisa...

—... não foi lá dentro...

—Foi, sim!

—Pareceu-me na sala da frente...

—Não cuidarás de outra coisa?

—E que seria o que caiu?

—Uma bacia de folhas...

—Não!... não!... não!...

—Que queres fazer?

—Levanta-me aqui...

—Aquieta-te, homem!... O médico aconselha-te descanso e tu és pior do que um menino...

—Aquele barulho... Levanta-me aqui...

—Para que? não me dirás?

—Quero recostar-me... Devagarinho, mulher... Pegas no meu corpo como se pegasses num pedaço de pau...

—Assim?

—Devagarzinho, sempre... Tira aqui o travesseiro...

—Queres muita coisa também...

—Não me fazes favor... Não preciso de ninguém contra a vontade... Tenho dinheiro para ser bem servido, e gosto que me tenham obediência...

—Estás muito impaciente...

—Tira o travesseiro...

—Pronto. Queres mais alguma coisa?

—As minhas chaves... As minhas chaves... Ah!... Não estão aqui... Bem sei agora!... O meu cofre... o meu dinheiro... Estou rouba...

*E caiu apoplexiado com o conhecimento do roubo, para morrer, minutos depois, quando as chaves de seu cofre, voltavam ao seu esconderijo, como verdadeiras inutilidades...*

## A CONSULESA

*De maillot, apenas, arrebicando as faces diante de um espelho, NINA, a bailadeira, tinha um milhão de pensamentos banais no cérebro ardente.*

*Os traços da sépia e os rebordos do nanquim, já lhe acentuavam a grande vivacidade do olhar, e o pó de arroz atenuava e embelecia as cores róseas do rosto criadas pelo carmim vencedor.*

*Uma vez por outra, deixava de conformar-se, para atender aos apelos da porta, de onde, sem deixar ninguém penetrar, voltava enfasiada com as iterações de estranhos.*

*Esperava OTÁVIO: era o aimant du coeur, porque o CÔNSUL, o velho francês, pelas suas funções representativas, evitava aqueles encontros mais notórios...*

—Nina?

—Quem bate? Otávio?

—El, sim!

—Entra, meu rico amor!

—Fiz-me esperar, hein?

—Nem tanto, mas eu tenho a regalia de poder cheirar-te as vestimentas para saber se tiveste o contato do corpo de outra mulher, de vistoriar-lhe o casaco, para descobrir aí os fios perdidos dos cabelos da que me logrou...

—Descansa o teu coração. Vivo inteiramente para ti. E enquanto estou longe do teu olhar, sou como o barro que espera, ardorosamente, a toda a hora, a plasmagem do artista. Por ele, passam e voltam, vão e tornam, todos os profanos: mas ele não é menos monopolizador de sua plasticidade do que uma flor do gnomo que só abra a horas certas...

—Não sabes? O Cônsul pediu-me a noite...

—E deste-lha?

—Nem sei...

—Já me toma os dias inteiros... Entra agora pelas noites... Que horas serão as minhas?

—Todas até. Aturo-o porque tu consentes.

—Exatamente. Mas ele vem a prejudicar-me se continuas a não se satisfazer com o que lhe dás. Às vezes, lá para as tantas do dia, penso em ti. O brasido abre em chamas ao menor sopro. O incêndio alastra. Quero remediar-me e sofrer a carícia dos teus beijos anti-incendiários. Vem logo a certeza de que o Cônsul te frequenta o dia inteiro. Esmoreço. Abomino-me e espero confiante o prazer da noite. Tenho sido certo e insubstituído. De agora por diante, nem mesmo nas noites poderei confiar. Ao amante nunca lhe dês demais. Se te pede uma hora, dá-lhe meia, se te pede um dia, dá-lhe horas, se te pede uma noite, dá-lhe um dia, e reduz sempre as suas pretensões. Ao contrário, todo o tempo será absorvido. E, quanto ao mais, espera-te hoje a ventura. Vais dormir com o Cônsul... Estou libertado...

—Oh! não! Que sucede Otávio?

—Nada. Não estorvo os teus anelos. Leva contigo o Cônsul. Dá-lhe o meu lugar, mas dize-lhe, ao menos, que não me ocultaste a entrada dele no leito que deixo vazio...

—Espera um pouco que te falarei melhor. É só acabar de tocar-me...

—Careces de mim?

—Não me aborrece, Otávio!

—Pensei sempre que valesse mais do que todos os outros teus amantes. Vejo, entretanto, agora, que um existe mais poderoso ainda do que todos nós reunidos...

—Vale a pena a descoberta.

—Desmente-me, pois. Não tens um amante que preferes ao Cônsul, um amante diante do qual te esqueces mesmo de mim?

—Dizes-me coisas extraordinárias...

—Contesta a existência desse outro amante onipoderoso, que motiva teres-me deixado no exílio deste divã, na semi-obscuridão de teu camarim...

—Não és amável.

—De mais em mais se confirma o que te digo: nem tens animo, por causa dele mesmo, para contestares o que te afirmo de um modo tão categórico... Digo-te centos de coisas e nada te abstrai desse amante único...

—Agora, sim! Dei um ultimo retoque nos meus preparativos de cena... Que te pareço de *maillot*?

—Não trato disto. Refiro-me ao teu poderoso amante.

—O Cônsul?

—Não sabia que este seja poderoso. Mas não é a ele. Ao outro, diante do qual te esqueces de mim, do Cônsul e de alguns menos e mais cotados do que nós outros...

—Amante?

—De certo. Negas que não te absorve ele mais do que qualquer de nós?

—Nego.

—Contestas que exista esse amante?

—Juro-te mesmo.

—Vê lá que não me enganas...

—Quem será, Otávio?

—O teu espelho...

—Aceito a graça. Em troca, porem, vais dizer-me o que julgas de meus trajos em *maillot*?...

—Julgo mal, porque te acho parecida com uma lebre a quem cortaram cerce todos os pelos... Assim muito delambida, muito escorrida, muito masculina...

—Tens espírito.

—E fui franco do modo que tu me pediste. Veste as rendas, sobrepõe as sedas, ou tira o *maillot*. Se vamos ao mundo, todos os atavios, todos os *soutaches*, aplicações e *manteaux* serão poucos; se ficamos aqui, o menor fragmento de tecido mais fino, será demais... Ou o extremo enroupamento, ou a extrema nudez...

—Figuremos duas hipóteses. Se me visses enroupada, com um luxuoso vestido, de muitas rendas, muitas fitas, muito decote, muita jóia, e lindo chapéu de plumas, que farias de mim?

—É essa a primeira hipótese?

—Sim!

—Pois bem: levar-te-ia, logo, à tua casa para que, antecipando a hora de tua saída, o Cônsul, nem de longe, pelo meu braço, te visse hoje...

—És digno de um ato destes.

—Bravura do amor. Agora, a segunda hipótese?

—Sim: se me visses nua, tão nua que nem uma *écharpe* me velasse as pomas, que farias de mim?

—Ah!... Aí está uma pergunta de difícil resposta, uma hipótese de operosa solução...

—Porque?

—Porque uma nueza dessas exigiria um leito e sem este tu serias apenas uma gravura...

—Venceste-me. Despacharei o Cônsul.

—Não sou eu quem determina. Passarias uma noite igual às de Bhodis na companhia de Chrysis... Porque escancelas tanto os teus deformados olhos? Não calculas, assim, a desproporção do teu semblante, lindo como um camafeu...

—Procurei ouvir o que se faz em cena, afim de verificar quanto falta para a minha vez...

—Queres, saio a ver...

—Não. Chamarei o contra-regra. Nem precisa: canta a Solidônia...

—A pernóstica!

—Deixa-a, coitada! Ainda tenho todo um intervalo e dois números da outra parte. Agora... dá-me um beijo, paixãozinha!

—Guarda-te para receberes os do Cônsul, senhora Consulesa...

—Otávio, para que sentes ciúmes desse devasso? que te importa que eu lhe tenha prometido uma noite, quando não lha darei por preço nenhum?

—Ciúmes?!... Não os sinto dos outros homens, porque nenhum deles logrará de ti as venturas e as concessões que eu tenho gozado... Nem mesmo do Cônsul... Se um prazer novo junto de ti ele experimentar, deve dizer sempre que antes dele provei-o eu. Tenho ciúmes, Nina, do que tu vestes, do que te pinta, do que te adorna, do que mordes, do que fitas... Se eu pudesse, haveria de ser o tecido com que se fazem os teus vestidos. Invejo deles a sorte de cingirem-te o corpo e serem confidentes dos teus nervos e das tuas pulsações. Tenho ciúmes das flores que exornam os teus cabelos, porque somente elas passam o delíquio de

uma vida inteira, enlanguescidas do teu amor. Tenho ciúmes do fruto que mordes, diante da grande fortuna de ser apertado entre os teus dentes luxuriosos. Inquieto-me com a sorte do perfume que te inebria, porque somente ele atravessa as tuas formas e vai arrebatá-te na essência do teu ser. Tenho inveja da palavra que proferes, porque somente ela vive fecundada da umidade quente dos teus lábios. Por tudo isto, eu queria ser o sono que te fecha as pálpebras, porque participaria das felicidades todas dos teus sonhos; a água que te banha as formas, porque desvendaria os imensos segredos e mistérios de tua beleza única, e o riso que te doura o semblante, porque teria o domínio do mundo inteiro. Recordas-te, Nina, do instante mágico em que pela primeira vez nos pertencemos mutuamente? São deveras muito irmãs as almas que tocam à meta de uma ventura no mesmo instante... e as nossas duas...

—De lembrar isto, criei uma lenda. Sou eu a mulher que conseguiu o poder de duas virgindades, uma sacrificada no início da puberdade, com a inclemência de Nausithêa diante do deus Priapo, e a outra, concedida ao amante, no fervor do gozo, entre os teus braços, naquela noite, Otávio, naquela primeira noite...

—Desgraçadamente, já eu, então, poderia ter sentido por toda a parte de teu corpo, o hálito bafiento do outro amante.

—O outro amante?!... Tenho-o, e é como se ele não existisse. Tenho-o porque tu consentes que eu o tenha. E mais nada. Contra o seu amor, protestam os meus seios, bem diversos na tua presença do que são na dele. Diante de ti, as minhas pomas parecem florescer como os jasmineiros em deliciosas noites de luar, como as laranjeiras em uberosos tempos de outono. Diante dele... nem perdem na secura e esterilidade os pinheiros agrestes que vegetam nas fendas dos rochedos... És a água que se avizinha do sol e beija os astros nos lábios. Ele é o verme que rasteja sobre o rochedo onde borda todos os seus desejos...

—Mas, para ele houve um dia venturoso: a mulher não se cede a um homem sem a experiência de um prazer. E tu tiveste esse prazer...

—Acertaste. Não sabes, porém, que os olhos da mulher voluvelmente procuram por toda a parte o homem e que só ao depois de muitos descobre o procurado? Quando topei contigo, já o tinha no convívio de suas esquisitices.

—Tu és formosa, Nina, como a flor de mirto! Os gregos te diriam divinamente pressagiada porque nasceste nas vésperas das Afrodísias! Quero enlanguescer ao som de tua voz contando-me os teus mais baixos amores...

—Bem sei que os homens todos são uns animais. Uns, porém, são menos do que outros. Daí esses amores que tu queres ouvir. Sabes, Otávio, que os cães, nesse mister, são os equivalentes de certos homens? E que eles são os seres que mais baixos amores fruem? O Cônsul ama como um cão... Os seus lábios,

como os de Pan, seriam capazes de devorar as virgindades, se as virgens recebessem os seus beijos...

—Quero crer.

—É um libertino.

—Nada mais?

—É um estrangeiro...

—Que importa?

—É um devasso...

—E somente isto?

—Ama como um cão, Otávio.

—E que é que faz?

—Seria preciso descrever-te todas as astucias que emprega para me arrastar à concessão do prazer que só vige nos seus lábios? Não te bastará a expressão do pouco que te digo?

—Repugnante!...

—Ah! deixa-o, deixa-o! O meu amante és tu!... Toda esta noite serei tua como nas demais...

*Os rasgados olhos da ervoeira, luzentes nas sombras dos seus cabelos de ouro como espigas de trigo maduro, pareceram a fonte de todas as volúpias da terra, como os cornos de Almatéia foram de todas as riquezas do mundo...*

## AMORES NO CLAUSTRO

*Um ar tépido, cheio de luzes meridionais, rico de aromas novos, instigador do sensualismo mais humano e menos animal, era o excelente conforto da cela de FREI PATRÍCIO.*

*Um leito acolchoado recebia em cheio a réstia do sol poente, e, de dedos enclavinados, um em frente do outro, o habitante do claustro e o seu afetuoso irmão de ordem, FREI TOMÁZIO, palravam gostosamente de coisas alegres...*

—Assim foi que me decidi, sem espanto dos meus, e por uma resolução improvisada...

—Pois eu, não! Lucei contra uma grosseira serie de vontades, e não venci: fui derrotado.

—Não posso crer facilmente.

—É a verdade, irmão Tomázio... Fiz como um cadáver que entra no sepulcro. Para aqui trouxe o meu corpo, e, lá fora, borboleteando, sem parar, a minha alma... viveu sempre muito longe das carnes que ela animava. Enquanto moço, nas minhas preces só o nome de uma mulher viçava triunfante...

—Também a mulher...

—Sim. Preconceitos, preconceitos! A baronia estulta de uma família asfixiou sem dó a ventura de duas almas... E eu de falar-te, inda hoje, tremo de cólera. Pudesse eu e a vontade amorosa de Marina, por entre hinos e bênçãos, tê-la levado, não à cova, sublevando-se contra os pais, sim ao himeneu, triunfando o seu amor. Desde que nos vimos, sem cuidados naquilo que outros apreçavam—a feeria dos títulos nobiliárquicos—vivemos apenas pelas sugestões do sentimento que nos venceu...

—Os teus lábios tremem, irmão Patrício, as tuas pupilas se inflamam e olham por sobre nós para tempos bem distanciados...

—Realmente! Fuzilam-me eternamente os desejos da vingança que exerci contra mim mesmo, enclausurando-me. Quando aqui cheguei, Marina vivia ainda, mas respirando balões de oxigênio. Artifícios da ciência! E três dias depois, desta mesma janela, vi passar, ali embaixo, naquela tortuosa e acidentada vereda, vi passar o coche branco, portador do esquife em que desapareceu para sempre a matéria que tanto amei... A vista anuviou-se-me e, balouçadas pela brisa, as rendas do esquife me disseram um adeus aflitivo, como as despedidas de uns lenços muito brancos, molhados de lagrimas... Sucumbi diante da falsa visão e esmaeci... debruçado sobre aquele leito, onde

chorei incansavelmente irado—Deus me perdoe!—como o mais pecador dos homens...

—Tanto pode o amor!

—A mola do mundo, Frei Tomázio, é a mulher. Não há um burel aqui dentro que não seja trazido por uma delas. E em tudo, como dizem corriqueira e profanamente os franceses, *chercher la femme*... Por ventura não professaste como os outros?

—Sem tirar nem pôr na causa.

—Sempre assim.

—Mas, tu procuraste o claustro como um eleito do amor que te distinguiu entre os outros homens e te elegeu o seu preferido.

—Ah! por certo.

—Quem me dera!

—E que te faltou, Frei Tomázio?

—Justamente o amor.

—Intrigas-me deveras.

—Vou contar-te, pois, a minha historia. Lembras-te de que professei mocinho?

—Se me lembro!...

—Pois bem! O meu acontecimento foi de alguns anos antes... Eu era menino, e se me dissessem que o helianto foi obra da pretensão e do desabuso de Hefaestos querendo, como um Deus, criar sóis e mais sóis, todo o credito eu daria, porque não tinha discernimento para me salvar das tentações humanas...

—Que são as verdadeiras tentações da serpente no Paraíso...

—Fazendo estudos, eu ia, quotidianamente, para os cursos, como o carreiro que passe todo o dia pela mesma estrada em busca de acendalhas e ramos para sustentar a lareira aquecida e feliz... Tinha eu ambições de saber... Embriagavam-me os livros, e neles mesmos comecei de ler as primeiras cousas de amor...

—E não lias o Cântico dos Cânticos!

—Ah! não! Fui sabendo que, como Eva fora criada para acompanhar o primeiro homem, a mulher vivia para funcionar no amor. Os arrebatamentos vieram pouco a pouco. E dei para olhar as raparigas com olhos de escaldo...

—Que maganão!

—E não peço porque te falo a mais pura verdade. No rebanho de nossas amizades havia uma ovelhinha, que, por ser linda e mansa, recebia o cortejo dos mocinhos de minha idade. Se as suas companheiras não tinham as calenturas de um amor, ela abrasava na abundância das pretensões exaltadas: todos à porfia lhe disputavam a preferência... Tolamente eu era conduzido entre os fascinados pelo olhar da moçoila cortejada.

—Estou vendo que eras o preferido...

—Não sei, porque não tive capacidade para aquilatar, bem como porque—e daqui se originou a minha principal história—troquei logo essa expectativa de amor bem aventurado por uma efetividade de amor bem triste... Mas sei que os olhares dos meus velinhos caíam sobre nós dois como punhados de olorosos jasmims, quando eles nos viam, quais dois noivos conscientes, em falações na varanda arborizada de nossa casa, amorosamente iluminados pela lua...

—Bem feliz que ias para a vida entrando, irmão Tomázio?

—Devo crer-te, muito mais ainda quanto entre os que mais choraram a minha desdita foi ela a que mais lágrimas chorou... Ora, se a intuição de amar crescia e eu me tentava a ser amado, olhos outros, mais fulgentes e chispantes, me sensualizaram todo e a carne arvorou-se em maior do que o sentimento...

—O pecado!

—Verdadeiramente, o pecado! Nas idas e vindas dos meus cursos, às vezes ainda peando cigarras e apedrejando, com rudes instintos, os inofensivos gaturamos, fui prendendo-me às ardências das esbraseadas pupilas de uma mulher fácil... A principio, quando o seu olhar incidia sobre mim, eu cerrava os olhos, abaixava a fronte, e, sem o querer, pensava nas ternuras da outra. Nada mais. Os dias repetiam-se e as cenas mudavam-se, crescendo as investidas e diminuindo a resistência. Ao depois, os meus olhares chocavam-se com os da agressora, eu sentia uma purpuridão nas faces, mas incólume prosseguia o meu caminho... Mais tempo, e duas, três, quatro vezes, voltava-me para trocar sorrisos... Em casa, a presença da outra, começou de aborrecer-me. Á noite, por sobre as páginas abertas dos meus livros, dançavam cabrioladamente as imagens das duas mulheres. E eu me decidia fragorosamente pela menos conhecida. Um dia, notei que os lábios da estranha se moviam. Nada percebi, no entanto. Que ela falava, eu estava certo. Nas passagens seguintes, com os

olhares e os sorrisos, ouvi um termo esquisito. Duas sílabas apenas, e, se não te ofendo nem abuso de tua condescendência, irmão Patrício, dir-to-ei já...

—Faço mesmo questão de sabê-lo...

— Já que queres ouvir-me, continuarei...

—Continua...

—A deslumbrante mulher dizia-me apenas: “Tico”...

—Olá!... Olha que eu velho assim nunca ouvi esse vocábulo...

—Nada sei explicar-te, Frei Patrício, senão que corri os dicionários dos meus estudos, e que todos eles me negaram o conhecimento do termo convencional. Valeram-me as amizades colegiais, e um discípulo investigador, depois de algumas pesquisas fora da convivência dos colegas, soprou-me segredadamente: “Tico é um convite... E quando ouvires, responde taco...” Corei diante da revelação e maldei de tudo. O meu primeiro impulso foi abandonar o meu caminho habitual para me furtar às seduções de Almira...

—Que belo nome, e lendário!

—Tive, porem, de ceder à contingência dos fatos. Não era possível andar por outras ruas sem alongar o meu viático, diante do que desisti da ideia e afrontei a tentação. Com o tempo fui cedendo. E, um belo dia, como se diz lá fora, escorreguei... “Tico!”, disse-me ela, e eu lhe opus murmuradamente quase: “Taco!” Em resposta, ouvi: “Amanhã!” Que noite, Frei Patrício! Se ha caldeiras para queimar almas, nós as experimentamos quando fazemos a espera de alguma coisa. Não dormi, confesso. E, para encurtar as razões, só acordei, efetivamente, quando, advertido por ela de que lá iria chegar o seu homem, me vi escondido por detrás e entre panos e panos de sacos vazios. Desse esconderijo ouvi as suspeitas do esposo aparecido, suspeitas que cresceram e motivaram uma busca nos panos que me ocultavam. Que criatura perversa! Foi às bastonadas, meu Reverendo, que o bisonho animal me arrancou de debaixo das pilhas de sacos, às bastonadas, Frei Patrício...

—Ah!... ah!... ah!... ah!

—Não rias, Irmão!

—Não te zanges, Frei Tomázio. Não me posso conter... A tua historia é alegre... Ah!... ah!... ah!... ah!...

—Nem sei como de maus tratos não me acabaram naquela hora furiosa... E quanto tempo me esbarrei inutilizado sobre o leito... nem me lembro mais!

—Pudera!... Ah! ah! ah! ah!...

—Aliás, não foi tudo, pois que, tempos depois, restabelecido já, e voltando aos cruzeiros dos meus estudos, a demônia me repetia: “Taco?”... e eu a repelia instintivamente... “Nem tico, nem taco... nem lá dentro do teu saco...”

—É boa, é boa!... Ah!... ah!... ah!... ah!...

—Em seguida...

—Sim...

—... senti-me humilhado, porque, por toda a parte, a mofa dos conhecidos me estigmatizava com o escândalo, e sofri, abrasadoramente. Ninita, escandalizada com a minha queda, definiu-se por outro, que a recebeu como esposa perante Deus! Por tudo isto, tive nojo de mim mesmo... O mundo era um tédio... Então pensei no vício...

—Misericórdia!

—Mas, não era?... Para abafar uma miséria moral, só outra maior... ou o passo que dei...

*A brônzea sineta da confraria, não se retendo na missão avisadora, chamava a Ordem para a humilde refeição da noite.*

*E quando FREI PATRÍCIO chegou ao salão, na companhia de FREI TOMÁZIO, já se liam, enfaticamente, as consoantes orações da hora.*

## DEPOIS DO COMETA

*De olhos pisados e presos num halo de violeta cinta, ALEXANDRINA ergueu-se da steeple-chaise, e beijou a mão da velha senhora D. CAROLINA, que acompanhava MIMI, naquela matutina visita de núpcias.*

*Ao depois, como duas flores de uma só haste separadas para sempre que se reencontrassem, a recém-casada recebeu alacremenente nos braços a figura da amiga e beijaram-se fartamente.*

*De outro lado, ARTHUR, o novel esposo, enfardado no seu dolman de brins brancos, cumprimentara, cerimoniosamente, a DONA CAROLINA e com um sorriso prazenteiro aplaudiu as brejeirices de MIMI.*

*Esta e ALEXANDRINA, ao depois de afáveis cumprimentos gerais, confidênciavam numa janela, por detrás de arrendadas cortinas, onde se foram acastelar para a permuta de segredos...*

—A que horas despertaste?

—Nem sei mesmo...

—Não é possível.

—Palavra!

—Então ferraste no sono, e...

—Ao contrário: não dormimos.

—É esquisito.

—Como te enganas! Não calculas o que seja a estafa de um dia de noivado.

—O dia mais belo da mulher...

—Parece-te?

—Esta é boa, Alexandrina! Sou eu quem deve perguntar-te: não te sentiste extraordinariamente feliz?

—Ah! sim... Casei-me por meu gosto...

—Olha que já me parecees outra com tanta sisudez e secura...

—Não é, Mimi. Arthur e Dona Carolina nos olham insistentemente. É preciso que não me tenham na conta de alguma leviana: já hoje em dia, minha amiga, tenho segredos que te não posso falar...

—Proibiram-te de dizer-mos..

—Não! Nem sei explicar-te, mas ha tanta alteração na vida de uma mulher que se casa, dentro das primeiras vinte e quatro horas de sua vida conjugal, que nem sei como me reconheceste hoje... Já viste, no craveiro, o botãozinho verde; o casulo de folhas, como, na manhã seguinte, está um perfumoso cravo, uma flor distinta? Se te dessem as duas cousas, pela vez primeira, tu contestarias o fato como inverídico...

—Mas eu te vejo a mesma boniteza...

—Sim! É questão de alma. Supõe que adormeceste no começo de uma viagem e que quando despertaste estavas numa terra de estranhos. O teu corpo seria o mesmo, a tua lindeza não seria transformada, mas o teu coração palpitaria diversamente na sociedade desconhecida a que aportaste. As tuas amigas ficariam noutra parte. Se quisesses vê-las, seria preciso que regressasses ou que elas viajassem para onde foras. Assim no casamento: viajei para muito longe de ti. Para nos irmanarmos como dantes, ou voltarei à minha imaculabilidade de ontem, o que seria impossível, ou tu ascenderás ao matrimonio para o que faço votos.

—Tens razão!

—Não te parece?

—Falas e procedes tão judiciosamente que não me atrevo a duvidar das alterações por que passaste... Eu, porem, serei capaz de repudiar o casamento para não me esquecer tão depressa das intimidades com as minhas amigas...

—Não me esqueci. És injusta! Não te darei novas confidências: as velhas, entretanto, ficarão acariciadas como um sonho de felicidades na vida de uma mulher inditosa.

—Pois pensei que me dirias tudo...

—Tudo... quê?

—Ora!

—Denúncias que pensas em algumas coisas que não são verdadeiras, ou, pelo menos, não o foram para mim.

—Foste diferente das outras!

—Ofendes-me.

—Não te ofendo, não. Desconheço-te.

—Que quererias tu que eu te falasse?

—Não sei. Se soubesse, desnecessário seria que me referisses.

—Objetiva o que queres saber... e depressa, porque Arthur me acompanha com um olhar seriamente investigador e tua mãe franze o sobrolho para mim... Um ha de supor-me indiscreta para te comunicar tolices... e a outra... corrupta para te ensinar... loucuras...

—Não! Deixa...

—És má! Tens talento e não queres compreender a minha situação, especialmente no dia de hoje.

—Já te compreendi: e estou pelo que tu quiseses...

—Amuas sem razão.

—Com que direito a planta exige viço da flor que já foi colhida? Compreendo, perfeitamente, agora, que entre nós duas existe a alma do sr. Arthur...

—Não exageres...

—Podes ouvir de mim o maior segredo, bem como ouvirás dele também. Os meus serão contados, sílaba por sílaba, aos ouvidos do sr. teu esposo, porque não deve haver um conhecimento novo que não pertença a ambos: os dele... morrerão contigo, porque não deves trair à tua fé conjugal...

—És incondescendente!

—Sim, sou incondescendente na verdade das cousas.

—Em parte, minha amiga.

—Não. Em tudo.

—Veremos.

—Pois experimenta!

—E se eu te provar?

—Pago-te com um beijo...

—Oh! Pois então a mulher que se casou pode beijar outra pessoa que não seja o seu esposo?

—Deste modo, Mimi, não chegaremos a um acordo. Ha beijos como ha conversas... O que te conversei até ontem, não conversarei jamais com o meu esposo. O que te converso agora, não conversarei jamais com a tua mamã. Beijos!... Os que te dou são da ordem dos que sempre te dei...

—Bem te compreendo. A mulher casada tem duas existências.

—Não sei se só mente duas, mas, a solteira, antes do matrimonio, nem sei quantas tem...

—Contudo, conto-te eu um incidente de minha intimidade feminina. Dizes ou não ao teu marido?

—Conforme.

—Não é caso de dubiedades. Dizes ou não?

—Se for só do teu interesse, não.

—Faço-te justiça, minha boa Alexandrina: a tua gentileza obriga-te ao falseamento agora, somente agora, do teu dever. Contarás tudo o que te disserem, ou serás uma perjura na fé conjugal. Eu mesma duvidaria de tuas intenções, se ocultasses do teu marido o menor acontecimento que te revelassem. E, por fim, em tudo quanto te falarem hás de descobrir sempre esse interesse que não é exclusivo da pessoa que te falou, para contares tudo ao teu companheiro. Deixemos essas cousas de parte, e afetemos a nossa convivência hipócrita, como tu queres...

—Dou-te razão, minha amiga. O mundo é esse mesmo e não serei eu quem o modificará.

—Estavas bela, Alexandrina, nas tuas vestias de noiva!

—Achaste?

—Encantadoramente bela!

—E tu me viste?

—Sim. Passaste bem junto de mim quando saltavas da carruagem à porta da igreja. Tinhas um rubor nas faces de matar de inveja.

—Era a última nota do meu pudor de virgem!

—A tua costureira fez o teu vestido a capricho e o teu cabeleireiro assentou-te a grinalda como uma coroa de rainha. Agradou-me a tua elegância. E, porque não te censurar? só não gostei de trazeres os olhos humildemente baixos... Faltava-te o sol do teu olhar esplendido.

—Lisonjeira!

—Eu traria os olhos bem iluminados, fascinando as multidões que se dominavam com a curiosidade de ver-me...

—Tens razão. Naquela hora, eu temia os olhos de tanta gente... sem saber que... mais tarde...

—Dize... dize...

—Dir-te-ei... mais tarde... eu teria sobre o meu corpo olhares mais algozes...

—Deveras?

—Sim, minha amiga! Não calculas o olhar de Arthur quando ele... Oh! Digo-te de mais! Perdoa se te ofendo...

—Desculpo-te. Senhora de mim, sei dispensar-te das leviandades que, ainda ha pouco, condenavas. Onde puseste o teu véu?

—Guardei-o já para oferenda a uma Santa.

—Quem t'o tirou?

—A mamã... Arthur conversava no salão com o papá e dois amigos retardatários... Sentia-me alquebrada. Também já era alta hora da madrugada. Duas ou três, não sei.

—E o teu vestido? Era primoroso...

—Está no *armoire-à-glace*...

—Muito amarrotado?

—Não. Quando o despi... chorei! Como é que uma mulher só se veste tão bem uma vez na vida?!...

—Choraste, Alexandrina?

—Sim.

—É de mau agouro. Dizem que morrerá primeiro aquele que chora...

—Não sabia.

—Nem que morrerá antes do outro o que se deitou por primeiro?

—Também não! E por isso também serei eu quem morrerá antes...

—Ah! já estavas deitada quando ele apareceu na alcova?

—Sim. Ele se abeirou de mim e, segurando-me uma das mãos, tratou do sucesso das festas de nosso casamento. Recapitulamos toda a seroadá, desde as asperezas do juiz casamenteiro, até às melifluidades de voz do sacerdote, quando fez a prática sobre a felicidade conjugal. Recompusemos a sociedade que aqui esteve. As danças, o serviço de *buffet*, a cerimônia do chá... Tudo se conservou. Ele dizia uma coisa, eu lembrava outra. Sorríamos-nos, comentávamos, com seriedade, as incorreções dos outros...

—E o tempo se passava...

—É exato, Mimi. O tempo se escoava enganadoramente. Não sabes, porém, como foi oportuna a nossa conversação. Quando estremecemos, ouviu-se o tiro das cinco horas...

—E então?

—Arthur lembrou-se do cometa... Já o viste?

—Ainda não!

—Pois é belo! Arthur mostrou-mo... Que lindo esteve ele na madrugada do meu casamento?!... Se todos vissem o cometa como eu vi...

*Interrompidas por DONA CAROLINA, MIMI e ALEXANDRINA, dando-se as mãos, nervosamente, passaram ao recinto da sala e entraram na conversação comum...*

## A HÚNGARA

Cômodo de hotel. Um foco elétrico esverdeava o azul papel das paredes.

Revolvido, o leito denunciava em duas covas a pressão de dois corpos que nele se afundaram.

SARAH, a húngara, recebia GUANABARINO, o cronista teatral, com um estridente sinal de contentamento...

—Aqui estou. Nem sei como acertei.

—Estás apaixonado?

—Crês, Sarah, que paixão desponte como um sorriso?

—Quem te disse o meu nome?

—Li-o nos programas.

—Ah! sim. Gostaste do meu canto?

—Não te ouvi.

—Como te agradei?

—Pertencendo a outro. A mulher sem dono custará a topiar com um amante. Rolará uma eternidade como a pedra que não cria limo... Tenha um amante e dezenas surgirão...

—Como ele é experiente!

—Vejo todos os dias. Se quiseres arrebatá-lo, deixa-te monopolizar por Gustavo. Ouve: agradei-me de ti porque, pelo braço dele, no teu longo *manteau* de sedas e rendas, pareceste-me uma conquista difícil. Vejo dezenas de mulheres no Café-Concerto. Tyroleanas, que encantam com o canariar de suas vozes; francesas, que arrebatam com o *savoir-dire* as malícias mais leves; espanholas, que excitam com o sensualismo de seus sapateados; americanas, que lembram bugios nos saltos do *cake-walk*... Todas são-me indiferentes, por todas passo na certeza de cruzar com *cocottes* para todo o mundo... De começo estive tentado a empreender uma *ménage-à-trois* com uma acrobata. Porque assim? A ginasta era um corpo proibido e vivia aferrolhado à concupiscência de seu próprio pai. Tive horror a essa monstruosidade e o desejo passou. Finalmente encontrei-me contigo...

—Ladrãozinho! Como ele sabe contar!

—Junto de Gustavo acendeste-me a centelha de um capricho: trair o teu amante. Tinha eu entrado no Teatro naquela hora mesmo. O grupo de amigos atraiu-me e a atração de todos eras tu. Olhei-te e fiz-te um cumprimento com a cabeça. Não me teres sido apresentada, significou que o teu galã zelava de mais. Ah! A cultura humana tem o maior testemunho de seu progresso na sabedoria dos olhares que as pessoas cultas podem trocar. Viste como te compreendi e logo te apertei os dedos, no caminho para o *buffet*? Atinaste como consegui retirar, por um momento, Gustavo de junto de ti e como tratamos, quais velhos conhecidos este encontro? Na sombra dos pés da mesa, os nossos corpos se trocavam desejos nos encontros, animavam-se também com os promettimentos mais claros, e as nossas carnes se queimavam por detrás dos tecidos de nossas vestias. Tudo isto, porem, ainda não é paixão. É um grito do instinto animal. Só nos não apaixonaremos se não quisermos...

—Como sabes a vida!

—Precisas prender Gustavo. A época é das melhores. O dinheiro passa-lhe pelas mãos como as águas pelos rios para o mar. Segura-o bem, porque, além do mais, é um amante que, por força de ter mulher e filhos e morar longe, te dará muito tempo aos amores furtados.

—Não os quererei. Sempre fui parcimoniosa. Juro-te como o meu corpo não se tem dado a muitos. Fui concubina de um general, durante anos, e só o traí uma só vez: com o pai de meu filho. Gosto de um amor só, de ter um dono e de ser cobiçada. Nem sei como te recebi agora... Em todo o caso, o Gustavo não me agrada... Prefiro-te a ele, serás o meu amante...

—Errarás se assim preferires, Sarah. Não tenho posses para te manter, ao passo que o Gustavo...

—Que tem isso? Tenho eu o meu ofício. O empresário paga-me bem, ganho para o luxo e para a mesa. Dou-me a quem eu quero...

—Neste caso ficarás com ele...

—Porque então?

—Conheceste-o primeiro.

—Não importa isso. A ele conheci na manhã, a ti à noite, ambos no mesmo dia. Vi-o a bordo. Trouxe-me ele para a terra. Encaminhou-me do hotel, e... má recomendação tem dado com os multifários obséquios, com os gastos e as gentilezas, somente com essas coisas... Ora, uma mulher como eu, ou quer o homem, ou não o quer... De minha parte dispenso as galanterias...

—Tudo isto concorre para lhe fazeres teu amante, para dispores de sua bolsa...

—E fico contigo para o meu verdadeiro amante, para o meu especial amor...

—Lá com isto combino eu.

—Assim, vá que seja e comecemos...

—Que tenho eu para tanto me olhares?...

—Fixo a tua imagem. Tens um olhar de fogo. Os teus olhos incandescentes são dois vulcões. Como te chamas?

—Guanabarino, um nome difícil.

—Como?

—Gua-na-ba-ri-no!

—Gua-na...

—... barino.

—Ah! sei. Guanabarino. É a primeira vez que ouço esse nome. És brasileiro?

—De corpo e alma. E tu?

—Filha do sul da Hungria. Vim criança para a tua terra. Fui noiva, aprendi a cantar com um meu amante e vivo disto...

—Tens percorrido meio-mundo, hein?

—Não: conheço a tua pátria e a minha, em pálida reminiscência...

—Dize outra vez esse termo...

—Reminiscência.

—Que lindo! Parece-me, Sarah, que estás a dar uma serie de beijos...

—Como ele é ardente!

—De verdade?

—A tua alma está fugindo-te pelos olhos...

—Junto de um espírito como o teu, como ela não querer a transfusão carnal? Já notaste o frio que regela as mãos do homem emocionado junto da mulher que o escalda?...

—Ih!... Que gelo!

—Sabes explicar?

—Não. É difícil?

—Ao contrário. Bem fácil. O sangue todo afluiu-me ao coração. As extremidades esfriaram-se. Tudo isto já é começo de paixão... Falaste nos meus olhos! E os teus? São capazes de comprar o mundo com um só relance.

—Costumas ser gentil com todas as mulheres de teu conhecimento?

—Que graça! Se costumasse, haviam de estar bem gastas as minhas gentilezas.

—Tens gozado tanto?

—Inda perguntas?! Não sabes que o amor se fez para os temperamentos tropicais, para os homens das terras do Sol, como eu o sou? Tenho um desejo para cada mulher e, posso parodiar um dito desrespeitado a toda hora: sinto que todo o teu sexo não seja uma só mulher para esta ser a minha amante...

—Caloroso! Deita-te aqui, Guanabarino!

—Não.

—Desmentes o que asseguras.

—Já tiveste o teu quinhão.

—Como assim?

—Já te possuiu o Gustavo...

—Juro-te que não. Tem sido o meu apresentante, e, a verdade seja revelada, ainda não desejou...

—De fato?

—Juro-te eu.

—Ao depois dele... nunca!

—Mas, porque? Metes-me medo...

—Por nada! O Gustavo é um homem para se temer...

—E porque me influis para ser a sua amante?

—Porque o encontrei no fastígio da tua posse, porque vejo que do seu concubinato bem podes usufruir grandes proventos. E, já agora te direi: pouco

mais fará ele do que hoje... Entretanto, como homem de recursos, talvez ainda não te desse a menor prova do que seja...

—Fez-me hoje a oblata de um colar de libras...

—Um colar?

—Sim.

—De libras esterlinas?

—Conheces?

—Acho que não. Agora reparo que tens dois fochos lindíssimos...

—Foram presente.

—Fico esmorecido. Nem sei como hei de portar-me para contigo sem outros meios que não esta aparência palavrosa e este atrevimento que me trouxe aqui...

—Não amo os homens pelas riquezas. Tenho os meus rendimentos de *chanteuse*. Às vezes sucede amar os que podem. Neste caso, sou a primeira a não rejeitar o que me dão. Um deputado deu-me este anel...

—Adorável!

—Um advogado, ao depois de uma perseguição de meses, para eu o receber, ofertou-me estas pulseiras... No entanto, o pai de meu filho aquinhoou-me apenas com o seu amor... Assim vou passando, umas em cheio, outras...

—Muito em cheio, Sarah!

—Tu falas? Um mineiro, hoje desesperançado de conseguir a minha retribuição, deu-me estes correntões para atilhos...

—Que lindas formas!

—Mostro-te apenas os atilhos e não as pernas...

—E eu vejo tudo! É admirável como o *fraise* das meias se destaca no gesso das tuas peles...

—Pois bem, Guanabarino! Permite que eu te diga; amantes que me cobrissem de ouro tenho tido às carradas... mas, um só que me dissesse coisas tão lindas, nunca tive... A palavra inescutada é também uma jóia preciosa. E para retribuir tantas distinções inéditas só um beijo de muita paixão, só um beijo...

—Basta, Sarah! Basta! Prometeste um e deste mais de mil...

—Longe disto, tu não me recompensaste com um só... Reparei bem...

—Desculpa. Mas, quando sou beijado, não beijo. Esta carícia deve ser sempre espontânea e impagável. E eu não cometo a grosseira sensualidade de pagar uma carícia...

—Ao depois de ti, nem mais sei como receba Gustavo, amanhã...

—Com todo o fervor...

—Não te enciúmas?

—Não. Estimarei que possas flutuar aos olhos do mundo na aeronave de ouro que ele te der.

—Queres ver o colar de hoje?

—Verei.

—Ele me prometeu para amanhã um relógio e um correntão.

—Aproveita, Sarah! Gustavo desperdiça dinheiros de herança...

—Vês tu o belo colar?

—É lindo!... Ele to deu?

—Sim.

—Esta jóia?

—Que significa o teu espanto?

—É que este colar é...

—Falso?

—Não! Uma jóia de família, uma jóia da mulher de Gustavo...

—Agora é minha!

—Estás no teu direito. Deixa-o amar-te e colhe os seus esbanjamentos...

—E só a ti amarei, Guanabario!...

*Pela madrugada, a libertina abria a porta para o sucessor de GUSTAVO evadir-se, e recebia, instantes depois, reticenciando o silencio sonolento do casarão do hotel, a figura caprina de um mal conhecido visinho de quarto...*

## IRADO ATÉ À CURA...

*Ampla alcova: no armoire-à-glace refletida como outro vasto cômodo...*

*Rico mobiliário de pau-setim com incrustações de jacarandá reluzente...*

*Um leito de casados, e sobre ele, cadavérico, peles e ossos, despojado de carnes, ventruado, olhar ansioso, o louro ORMINDO, lutando com a morte...*

*É um erro de diagnostico, rebelde a enfermidade à medicação despropositada.*

*Junto do leito, uma banca, e sobre esta, além de um termômetro e de um cronômetro, desenvolta frascaria...*

*Aos pés da cama, fatigada, sonolenta, às vezes, DOCA é heroína na vigília: o seu semblante merencório só consegue alguma graça quando ELOY visita o enfermo.*

—A morte acena-me, e eu me vou indo aos pedaços sorrateiramente... Doca, tu bem vês como eu morro todos os segundos, como eu mínguo sem cessar...

—Tem fé em Deus, Ormindó.

—Morrerei com ela, sim. A fé! Ela é o facho iluminador da estrada eterna... Como deve ser doloroso não crer em nada, Doca!... Sentir a alma cair no vácuo... Ah! não me conformo, porém... Morrer quando tanto preciso é viver... Vou deixar-te na penúria... a braços, por certo, com os créditos da medicina e da farmácia...

—Tu pensas demais.

—Como não hei de pensar? Vejo-te, e sei que rilharás a côdea endurecida e atrasada. É com horror que prevejo as tuas infelicidades... És nova. Mas de que servirá a tua mocidade sem pão, os teus verdes anos sem um amparo? És bela. Mas de que prestará a tua lindeza se não tiveres um manto para o frio e um abanico para o calor? Nova e bela... na viuvez! Quem sabe o teu destino mulher a quem tanto amei?

—A pobreza é um estímulo, Ormindó: saberei trabalhar afim de haver com honra um pedaço de pão e alguns côvados de fazendas...

—Não te peço nada, e peço-te muito: não macula o nome de teu marido. A erva reverdece a fronde dos vegetais, aumenta-lhes a copa, enobrece-lhes o aspecto: crava-lhes, porém, até ao durano, as raízes assassinas e rouba-lhes a seiva até à morte. A árvore cessa de existir com a trepadeira fitócida que lhe rendilha os contornos. A mulher deve pensar que o bem-estar não é a honra, e que ha tranquilidades mais homicidas do que a erva do passarinho... A desonra não

provem da pobreza, da fome ou mesmo da nudez. A desonra é fruto das transigências de alma, e a mulher viúva é a que pode piormente transigir... Que dores!... Ui!...

—Estás vendo: pioras quando falas!

—Doga, no meu caso extremo, a morte é assim qualquer coisa como uma sorte grande...

—Num bilhete branco para mim que fico sem ti... Não sabes aproveitar o silêncio como um meio de cura, não sabes tirar partido, poupando forças para momentos mais graves...

—Durarei muito pouco.

—Não podes saber mais do que os médicos.

—Ah! mulher! Só eu posso saber o que sinto, o que senti, e como se avizinha o instante derradeiro... Dizem que os extremos se tocam. É verdade, pois tenho neste momento a visão mais lúcida dos meus primórdios. Que é isto senão que se vai fechar a circunferência de minha traslação em torno do vácuo universal? O aneurisma cresce, avoluma-se, rouba-me a vida, bem o sinto agora. Tem a forma de uma esfera, é um globo pequenino de vivos, na luta pela existência. Vai arrebentar, latejando e doendo, pulsando e abafando-me de vez... Pensas tu que nunca me iludi com a esperança da cura? Iludi-me, mas antes de todos...

—Quem está vivo, Ormindó, ainda não está morto, e toda a cura é plausível.

—A tua dedicação é cega. Desde que adoeci, desde que sobre o coração senti a formação mortífera do mal circulatório, certifiquei-me estar mais longe do mundo do que do nada. E deste momento para cá, que fiz para denunciar que creio na cura? Ao contrário, a minha vida tem sido a chama de uma vela a lutar com o sopro das auras. Não ha um instante em que não me morra uma alegria, em que não nasça uma saudade. Em torno de mim bailam as ondas frias do nada, como brinca a mariposa teimosa em torno de uma lâmpada.

—Agravas-te, Ormindó! Cala a boca por piedade! As tuas palavras são outros tantos punhais que me sangram o coração.

—Que horas serão?

—Já é noite.

—E os médicos que não vieram?

—Vieram, sim. Tu estavas dormindo.

—Os médicos não vieram, não... Até a minha esposa conspira contra a minha existência...

—Não pesas as tuas palavras, Ormindó.

— Já sei de tudo. Perderam a esperança, abandonaram-me. Não passarei de hoje. Estou condenado a horas.

—Descansa um pouco.

—Descansar, agora, só de vez. Bem curta foi a minha felicidade, e parece-me que foi ontem à tarde que nos vimos pela primeira vez. Um sonho às vezes tem existência mais real, porque nos acompanha do momento da concepção em criança ao instante da morte na velhice. Ai!... falta-me o ar...

—Assim queres! Falas tanto...

—Deixa-me ir, Doca, ao meu destino: não ha rio que não chegue ao mar. Demorado, se grandes e muitas curvas descreve; rápido, se retas consegue... Quatro anos e parecem quatro horas! Tu talvez não te lembres mais do meu enfeitamento; não me esqueço eu do sorriso único com que festejaste o nosso encontro. Toda a tarde, toda a noite... Oh! que lindo luar te prateou as pupilas, te diademou os cabelos e te banhou luciferamente as espáduas! Meses depois, o casamento... A noite de núpcias vivazes... O nosso lar... O nosso amor insatisfeito sempre para acordar novas caricias, para fomentar alegrias... A esperança de um filho... O recuo da esperança... E tudo isto acabar quando mesmo principiava?!...

—Não temas a morte: um cérebro que pensa como o teu dá confiança na renascença da vida.

—A alma não morre, Doca! É ela quem esta vivendo agora. Os pulmões fraqueiam, o coração tem espasmos, a visão escurece-se, a voz arrasta-se, mas o cérebro pensa... Crês tu que, porque não falam, todos os moribundos não pensam? Iludes-te! É a hora de maior pensamento. Só recompôr todo o passado afim de o ligar ao presente e encerrar o circulo das sensações mundanas, é pensar robustamente. Um moribundo que eu vi, não tinha a fala. Os membros eram paralíticos, os olhos envidrados e fotografavam a luz do dia para a eternidade... Pois bem! esse homem assim amortecido, repeliu com o gesto brusco de uma perna o suplício de uma injeção nos últimos instantes... Acaso, não pensaria mais aquele cérebro de tanta vontade? Outros ha que conhecem até o segundo derradeiro: fazem despedidas... Ah! como deve ser tocante o adeus de um esposo que aí deixa a companheira sem a certeza de um agasalho... Um que vai, a outra que fica... Qual dos dois padecerá mais no extremo momento? Doca, ouve-me bem: tu vais entrar num terceiro mundo... Alegras-te com a nova?... Pensas que deliro ou que não falo certo?

—Não me alegro, confranzo-me: viste um lampejo maior de esperança iluminar-me o rosto...

—Como és amante?!... Quererias de coração e de alma, com todos os afetos e vontades, a minha cura?

—Tenho provado o meu desejo de ver-te salvo e tornado à saúde.

—É bem pouco um desejo!

—Duvidas que todas as minhas forças funcionam só na intenção de possuir-te novamente são?

—Não duvido! Pareceu-me que te aborrecias, inda ha pouco, com a prolongação de minha tortura...

—Aborrecer-me eu!...

—E então?!...

—Tens coragem! Só me representa que gravaras na alma uma eterna desconfiança da amizade de tua esposa...

—Isto não!

—Pois parece, Ormindo!

—Neste caso, escutas-me com agrado?

—Sim.

—Posso falar?

—Não.

—Ah! já sei... É a mesma quizília de que falar é um desperdício de forças orgânicas...

—Diz o doutor...

—Nenhum deles sabe nada... Quem pensa deve falar. Onde o meu cérebro conteria tanta palavra que tenho pensado? Eu te dizia que tu vais entrar num terceiro mundo, e para cada um desses mundos, devido às intenções animais dos homens, a equação da mulher é perigosamente diversa. Virgem, ela tem a expressão de um sonho; esposa, representa uma realidade; e viúva, ela é uma alma em que se derramam os mananciais copiosos da luxúria humana... Virgem, foste uma criadora; esposa, uma inspiradora; viúva, serás, em nome da honra

de teu marido, uma redentora... Ai!... Doem-me os pulmões... Morrerei, porem, com todas as sensações...

—Não morrerás, Ormindó!

—São os teus votos?

—Duvidas de mim, dos meus afetos, dos meus afagos, do meu amor, inda no instante derradeiro?

—Não duvidei jamais: fui um esposo feliz, muito feliz.

—Pois então?!...

—Dá-me a tua mão...

—Estás frio!

—É a gelidez da morte... Não tardará... Fazes-me um favor?...

—Se o faço...

—É para depois de minha morte...

—Juro-te.

—Mas, responde franca e precisamente, para que eu não sucumba com uma duvida...

—Pede o que quiseres... Pede... não!... ordena!

—Estou acabado. Lutou comigo a morte, que, se não me derrubou de vez, vai invadindo-me com o gelo de seu hálito das extremidades para o coração. Bestam-me instantes. Vais enviuar e a viuvez é um despenhadeiro. Peço-te em nome de minha tranquilidade, que te cases, imediatamente, afim de que não paire uma só nuvem sobre a limpidez do teu e do meu nome... Casarás logo... Peço-te... É o ultimo sacrificio em prol do teu defunto...

—Intranquilizas-me, Ormindó.

—Não ha razão para isso.

—Se tu mandas...

—Mando, não; peço... Agradar-te-à Eloy?

—Queres, Ormindó, a verdade antes da morte?

—É isso...

—Pois bem! O que tu propões já estava assentado entre nós outros...

*A ira irrompe brutalmente na alma do traído moribundo, que faz um grande esforço e se salva com o despedaçamento brusco do mioma desconhecido, do assassino erro de diagnóstico...*

## Á VISTA DA DENÚNCIA

*O interior da envidraçada varanda, exornado com ipoméas e glicínias, em cacos, orquídeas e arums nos recantos, não tinha senão a luz pálida, muito pálida, de um luar de inverno, coado preguiçosamente pelos vãos das grinaldas verdes.*

*Das quatro portas que abriam para o interior, apenas uma cometia a indiscrição de transportar para além, ao conhecimento da criadagem bisbilhoteira, os amuos graves de CLÓVIS e AMARÍLIA.*

A denúncia, amarrotada e em frangalhos, estava sobre uma banca de ferro, destorcendo-se, como se nervos tivesse, dos amachucamentos grosseiros perpetrados pelas mãos violentas de CLÓVIS, que, distraíndo-se um pouco com as fumaradas de um havana, ouvia, sem intervenções, as queixas de AMARÍLIA...

—Como eu, tão ladina para outras, compreendendo tão bem o mal alheio, deixei-me cegar por tanto tempo?! Era um convite amável hoje, tinha sido um presente valioso ontem, era uma lembrança expressiva amanhã... E o meu filhinho servindo de passe para os maiores engodos!... Toda hora o telefone pedia Arturzinho. Lá se ia o inocente, coitadinho! E raramente voltava. Prendiam-no dias seguidos com a ama. Poderia eu desconfiar do embuste? Ha gênios capazes de todas as vilezas. O filho era o motivo da entrada do pai, os presentes eram as cinzas nos meus olhos, e os convites eram a perfídia da traiçoeira. Mas, agora, ou eu sucumbirei, ou estará tudo acabado. Ouve-me bem, Clovis: nesta casa, enquanto eu viva for, Carlota jamais tornará, e se tu desceres à indignidade de voltar à casa dessa mulher, ouve bem! Serei eu quem irá buscar o tolo do esposo para te surpreendermos na sordidez. Sempre são os interessados nas causas os que por ultimo se sentem logrados. *Il n'y a qu'un mot pour dire les choses.* Essa palavra não devo, porem, proferir sem macular os meus lábios, sem regozijar o meu enganoso marido, e sem elevar a perda que me furta a tranquilidade, que me logra no dom legal da fidelidade sponsalícia. Um dia desconfiei. A ama de Arturzinho levava um pacote às escondidas, quando, para castigo, ele rolou ao chão, na hora da partida, quase aos meus pés... Perguntei à cúmplice que significava aquele embrulho... Foi o sr. Clovis quem tomou a palavra: “é um romance que mando, a pedido, para D. Carlota ler...” Ingenuamente me convenci. Pois seria possível que o meu marido trouxesse a beijar-me a mulher indigna que me atraíçoaava? que expusesse o meu filho à infamação de ser posto junto à pérfida, em lugar de seu pai gozado?... Ó meu amado Jesus!... Tenho nojo de tudo isto!... Olho-me e vejo-me só. Roubada naquilo porque mais zelos e mais ciúmes alimento, eu que me tenho submetido maquinalmente à concepção de treze filhos, esgotando a minha juventude para parecer velha aos trinta e dois anos, assassinando a minha beleza, relaxando os meus tecidos, criando uma ruga nova em cada manhã em que me olho ao espelho!... para ser recompensada duramente com

uma traição, uma tripla traição, em que se envolveram as minhas lealdades de esposa, de mãe e... de amiga. Sim, porque, desgraçadamente o digo, tolerei a concubina de Clóvis na intimidade cordial de amiga. Muitas vezes, por força dessa leviandade comum a todas as mulheres, terei dado causa de riso à maldita que me engazupava. Contava-lhe os meus esforços para trazer sempre o meu marido na obrigação pontual de possuir-me. Disse-lhe mesmo que, muitas vezes, o recebia com intimas indisposições, para que rejeitado uma feita ele se não atrevesse a faltar-me outras, e nestas perseguir-me a duvida de sua saciedade noutra fonte... Não sei onde estava escondido o sol de minha compreensão que agora recena a minha inteligência. E uma miséria moral essa em que se prostitui, com o cônjuge das outras, uma velha, desrespeitadora das cãs do esposo e da inocência de suas filhas. Havia de ser lá, naquela alcova cheia de seduções, que o meu companheiro se convertia em assassino da paz de minha alma. Aos olhos daquelas três criancinhas—mulheres fáceis, por herança, que desabrocham nos cômodos lamacentos da podridão materna—eles dois se encaminhavam do leito, quantas vezes Clóvis ouvindo a voz de meu filhinho chamando-o ardentemente com o nome de pai! Bendito o poeta que já disse estar ao lado de cada homem uma fera monstruosa: o instinto. E esse poeta foi o meu próprio esposo, acusando toda a humanidade com o seu próprio mal. Foi preciso que uma generosidade estranha me avisasse para que eu conhecesse essa nova Milita babilônica, torpe, pântano no qual até a traída companheira do amante e o explorado amor de seu filhinho foram poderes lascivos. Ó injustiça divina! Porque não me despertaste, a mais tempo, do sono em que sonhei com a lealdade de um templo cristão e me achava desgarrada na nave de um templo de Buda?!... Foi hoje o assinalado dia de minha vitória. A carta chegou-me às mãos com as réstias violetas do sol posto. Li-a de um fôlego. O meu primeiro ímpeto, naturalmente, foi de indignação contra o denunciante. Mas, ali estavam os fatos verificáveis, possíveis, e terrorosos. A noite veio mais depressa aos meus olhos do que ao resto do mundo. A verdadeira noite é essa em que também a alma se recolhe na escuridão de uma dor apunhalante. O meu marido jantaria fora, num banquete intimo, mas numa sociedade festiva. Resolvi chamá-lo prontamente às explicações de suas infidelidades. E fi-lo sem tardada, não o nego. Á criada de Arturzinho, a esta cancerosa alma de mulher que tinha afetos meus por dar o seu leite à formação orgânica de meu filho, trouxe logo às contas. Não lhe disse a denúncia, não lhe proporcionei ensejo de contestar a sua ação, porque a interpelei segura do fato, inteiramente consciente do que fazia. E ela me confessou que levava e trazia romances imorais, que levava e trazia cartas e recados... O instante único! Ao depois, calma e friamente, sabendo que aguçava a minha dor, revolveu-me na alma o punhal de seu descaro, revelando-me a indignidade de ser o meu filho abraçado e beijado ardentemente, durante a ausência do pai, com o nome deste entre os lábios da corruptora... Nega, Clóvis, que não és o amante dessa barregã de padres, dessa imunda mulher que maculou o meu lar com a sua abjeta convivência...

—Nego, sim!

—Forte coragem! Jura que ontem não beijaste, quase aos olhos do publico, no salão de visitas, os lábios roxos pelo cansaço da idade de Carlota.

—Juro-te.

—Leviano! Mente como quiseres. Mas, ouve: enquanto o meu corpo sentir as comoções do nojo pelo teu que se enlameou na companhia daquela devassa, enquanto as minhas narinas sentirem o perfume daquela carta nas tuas vestias, que é o perfume de uso na alcova de tua ervoeira, terei a coragem de repelir-te e de cerrar os meus lábios às menores palavras para as nossas relações. E se, porventura, desconfiar eu que foste buscar, como uma abelha sem sorte, o néctar que se esconde na corola daquela flor murcha e fanada, dentro desta casa, escuta bem Clóvis, haverá a incompatibilidade de nós dois... É tu entrares e eu sair, ou só ficarei se tu te fores para sempre. Sabes quanto sou caprichosa, o bastante para não me arrepender das resoluções tomadas. Negas, ainda, o teu erro? Serei fácil de perdoar-te com a verdade, tão fácil quanto não te tolerarei com a mentira... Nega a tua indignidade!

—Nego, sim!

—Quero convencer-me. A pé firme?

—Com toda lealdade.

—Pois bem! É escusado irmos adiante: sabes o que está contido naquele pacote?

—Ignoro.

—São os presentes com que me turvou a vista a tua amante. Quero devolvê-los.

—Mas, como?

—Não os guardarei mais comigo.

—Vais romper, então, com a família do Aurélio?

—Forçosamente.

—É de mau alvitre.

—Incomoda-te muito esse rompimento pelo que estou vendo. Deves acabar com uma amizade que me aborrece, e se te escusares a esse acabamento, confessas o interesse que terás em manter a verminação desse convívio imundo...

—Se encaras por este lado, rompe Amarília, devolve tudo do modo mais grosseiro.

—Devolverei, sim, não ha que ver.

—Estás no teu direito.

—E espero a tua sanção.

—Já a tens.

—Não. Não a tenho ainda. A devolução não poderá ser feita sem uma carta.

—Pois escreve-a!

—Não! Também não! Serás tu...

—Eu?!...

—Ah!... Esquiva-te de escreveres a carta?...

—Amarília, pensa bem! Nós, os homens, ficaremos mal se nos envolvermos nessas rusgas de mulheres.

—Compreendo-te: romperei eu, e tu, às ocultas quiçá, com menores aparências, te dedicarás à continuação de teu adultério. Hás de ser quem escreverá a carta hoje mesmo, agora...

—Convencer-te-às de minha inocência?

—De todo, não. Encaminhar-me-ei de convencer-me.

—Não haja duvida. Dá-me papel e tinta. Escreverei num momento...

—E pensas que escreverás como quiseres?

—Não: como for conveniente.

—Não te concedo esse direito: vais escrever ao meu ditado.

—Quê?

—Nos termos que me espocarem arrevesadamente aos lábios...

—Mas...

—Na linguagem mais ferina que eu souber empregar contra uma inimiga...

—Amarília?!...

—Virulenta e grosseira...

—Faça-se a tua vontade.

—Escreves?

—Como quiseres.

—E a quem pensas vai ser dirigida a missiva daquele modo escrita?

—A Carlota!

—Não, Clóvis. Quero que se escreva ao marido dela, com o seu nome em todas as letras...

—É demais!

—Não retrocedas!

—Abusas de minha bondade...

—Enganas-te. Clóvis, ou tu escreves como eu te determino, ou...

—Absolutamente, não!

—... ou me retirarei hoje mesmo de tua companhia... A casa de meu pai terá sempre, para a filha digna, o agasalho mais confortável.

—Tua alma, tua...

—Sei bem! Queres o escândalo da separação para o renome do conquistador? Não te darei essa vantagem... Debaixo deste teto, tragarás, Clóvis, o amargo da tortura mais incondescendente, sofrerás a queimadura do inferno mais verdadeiro...

*Ao longe, um relógio temerário, arriscou o aviso tétrico da meia-noite, ao fim do qual, resolutamente, AMARÍLIA se retirou para o seu leito...*

## O PRIMEIRO FILHO

*Na secretaria fora estranhada a falta primeira de ORLANDO, assíduo até não se ter ausentado do serviço no atraente dia do matrimonio.*

*O DIRETOR do esposo de OLIVIA era reconhecido à assiduidade do moço, e, por duas vezes, determinara o seu acesso por merecimento.*

*Ao penetrar na Repartição depois da primeira falta, todos os olhares recaíram no conceituado funcionário, que, perturbadamente, se entregou ao trabalho sem explicações.*

*Mas, horas depois, na intimidade do gabinete reservado, ORLANDO e o DIRETOR entravam em confiança...*

—Ah! Sr. Diretor!

—Estiveste doente?

—Não, não foi doença minha. Antes o fosse...

—Trocaste o dia?

—Como assim?

—Levaste à conta de um domingo a quinta-feira de trabalhos?

— Também não!

—Viajaste a negocio?

—Qual, Sr. Diretor! Os meus negociou são somente os de meu dever aqui dentro...

—Não sei explicar a tua falta.

—E eu careço de coragem para dizer...

—Tão fútil não ha de ter sido o motivo.

—Eu conto. Foi o meu primeiro filho...

—Felicito-o desde já.

—Obrigado, Sr. Diretor. Eu tinha a certeza de sua generosidade. Conhecendo bem a fraqueza de Olivia, tive receios de deixá-la só quando se manifestaram os primeiros incômodos do parto. E confiando em que o acontecimento cedo me daria liberdade para saltar à repartição, fui-me deixando ficar, ora mais

embebido nos cuidados que a parturiente exigia, ora menos descontente com o que se ia passando, até que, só na madrugada de hoje, após vinte e duas horas de labutações, se concluíram os trabalhos...

—Fiquei verdadeiramente atordoado com a tua ausência.

—Não menos me senti eu, Sr. Diretor, quando, pela manhã de hoje, cai em mim e vi que faltara ontem improficuamente, porque...

—Ora, Sr. Orlando! Uma falta não influi, tanto mais quanto fui o primeiro a não mandar que se a notificasse. Tenho o bom senso de saber corresponder ao valor dos meus funcionários.

—Fico embaraçado... Nem sei como lhe agradeça... Ao depois das torturas porque passei, era natural que Deus me desse o alívio de uma honra como a que o Sr. Diretor acaba de conceder-me.

—E a senhora ficou sem novidade?

—Pouco mais ou menos, Sr.

—Talvez precisasses do dia de hoje para lhe fazeres companhia...

—Qual nada!... Faltar hoje?...

—Não digo isto.

—Então...

—Obter uma dispensa de serviço...

—Nem pensar é bom, Sr. Diretor. Se me dessem licença eu hoje emendaria o dia com a noite para descontar o atraso de ontem...

—São excessos, Sr. Orlando. É justo que um chefe de família precise dessas lacunas no serviço para gozar mais largamente as venturas de seu lar.

—Estas, francamente, eu só poderia gozar se Olivia tivesse sido feliz no acontecido.

—E não o foi?

—Absolutamente, Sr. Diretor. Mas, antes de tudo, a obrigação.

—Qual foi o médico?

—Foram apenas dois: o dr. Oscar e o dr. Lucio Trevo.

—Bons médicos, sem duvida.

—E que hão de pedir caro, caríssimo, porque realmente trabalharam como um horror...

—Mandarei dar-te uma gratificação para cobrires com ela os extraordinários desse acontecimento inquietador.

—Não aceitarei, Sr. Diretor.

—Porque assim?

—Não é soberbia, não. Desculpe-me, mas eu não posso aceitar.

—Queria ter as razões dessa sua desatenção...

—Não é desatenção, Sr. Suponha que eu aceito. Desfaço-me das minhas dificuldades graças ao seu procedimento generoso. Veio-me um segundo filho, nas mesmas condições difíceis do primeiro. O Sr. descuida-se e eu não obtenho nova gratificação. Naturalmente me enciumarei com o seu procedimento e o que não quero hoje, não devo esperar amanhã... Pois não é?

—Eu daria do melhor grado.

—Sei disto. Hei de habituar-me a cozer-me com as linhas que tenho... Ao depois, se a parturiente inspira cuidadosos...

—Não se ficou bem ela?

—Acho que não. Ao depois do parto, começou de ter desmaios consecutivos...

—E o que recomendaram os médicos?

—Repouso. Ó Sr. Diretor: eu nunca tinha visto um parto... A mulher é uma inditosa, porque em momento nenhum da vida um homem sofre o que Olivia padeceu.

—Pois penso que devias retirar-te.

—Não devo, Sr. Diretor. O lar é uma preocupação para fora das horas da secretaria.

—Até o serviço poderia lucrar com a tua ausência...

—Perdão, senhor, mas...

—Admiras-te? Não queria falar-te com tanta franqueza para não te consumires ainda mais...

—Por acaso cometi alguma outra falta?

—Gravíssima... Sabes porque te chamei?

—Lealmente ignoro.

—Porque te desconheci. Estás um desconchavado e erras todo o serviço. Pelos teus grandes créditos, és aqui dentro um rico de ódios e de invejas. Conheço-os todos...

—Agradecido, Sr. Diretor.

—Cada companheiro teu é um vigia de tudo quanto fazes para diminuírem com os teus lapsos o teu valor. Não o admito eu.

—Mas, que fiz assim?

—Erraste a soma de uma conta e o tesouro reclama contra a tua informação.

—Oh!... Esta cabeça...

—A conta de Silva & C.<sup>ª</sup>...

—Sei!... sei!... Então... errei-a?

—Inconvenientemente.

—E sei porque perpetrei o engano...

—É o que tu pensas...

—Por ventura outro me corrigiu?

—Absolutamente não. Serás tu mesmo quem fará este trabalho ao depois...

—Porque não hoje?

—Estás dispensado, incondicionalmente, do serviço por três dias...

—Não me conformo, Sr. Diretor.

—Sou irrevogável.

—No Maximo me satisfarei com o dia de hoje.

—Serão três dias irredutíveis, e podes ir para a companhia de tua esposa descansar a tua cabeça. Vejo-te perturbado enormemente com o pensamento do que possa ela estar sofrendo a esta hora... Vai, anda!

—Dá licença?

—Pois não.

—Às ordens do Sr. Diretor.

—Ah!... Sr. Orlando?

—Sou todo ouvidos.

—Escapou-me de perguntar-te: o teu filho? é homem?

—Perdão, Sr. Diretor... Mas... não lhe sei responder... Com a atrapalhão da hora não me lembrei... Ah!... sim...

—Que respondes?

—Desculpe-me, Sr. É justo que eu tenha me descuidado tanto?!... Nem verifiquei, Sr. Diretor, se sou pai, ou...

*Sorrira o DIRETOR e dispensara de vez ORLANDO, com a inveja crescente de todo o funcionalismo bisbilhoteiro e ignorante dos fatos...*

## OS DOIS ESPELHOS

Depois de mandar retirar-se a criada, VIOLANTE foi, pé ante pé, fechar a porta do salão de jantar que deitava para a copa, e veio sentar-se junto do esposo com um olhar esbraseado e as mãos profundamente geladas.

SIMEÃO, o esposo, estava transfigurado: um tremor esquivo no canto dos lábios e o retorcer teimoso dos bigodes, iluminavam-lhe as feições com um clarão colérico.

Ao depois de sentada ao seu flanco, impulsionando para traz a cadeirinha de balanços, VIOLANTE provocou-o...

—Faze a tua cena.

—E não é sem tempo.

—Porque te deixaste enganar se sabias de ha muito e se não é sem tempo?

—Facilidades.

—Os grandes generais perdem sempre as batalhas porque facilitam. E o homem casado não tem direito a facilidades.

—Bem o sei... Quando penso no erro do meu casamento, soffro mais do que Orestes no remorso do seu crime lembrado sempre pelas *erynias*. Uma existência inteira para passar escravizado aos laços de uma união infeliz!... Maldita hora!

—Ah!... ah!... ah!... ah!...

—Sorris...

—E então? Hei de chorar para te sentires bem na opressão que me fazes?

—A minha vida depois que me senti enganado...

—Não tem sido menos nem mais infernal do que a minha depois que conheci o teu adultério...

—Insultas-me ainda em cima, Violante?

—Não te insulto. Repilo as tuas agressões, termo por termo. O que eu digo é que o mesmo direito que tem o homem de trazer o corpo escarolado e perfumoso para agradecer às amantes, tem a mulher de...

—Não dize, Violante, a indignidade!

—Porque não dizer as cousas como elas devem ser? Só depois que senti a tua ausência do lar...

—E confessas o delito?!...

—... só depois que conheci a tua amante...

—Mentes, mulher!

—... só depois que fui ver onde entras, todas as manhãs, quando daqui saís...

—É horrível, Violante!

—... só depois de ver-te partir de lá e a tua concubina despedir-se de ti com um olhar de escândalo e tu com gestos de lastimável escravidão...

—Tu viste?

—Sim... só depois de ter a certeza de possuíres uma amante...

—Poupa, Violante, essa frase...

—... rendi-me voluntariosamente a um dos muitos homens que me faziam a corte, sabendo-me uma mulher, infeliz como outras muitas, esquecida no lar pelo marido libertino...

—É demais!

—Porque tu o quiseste. Abandonaste a tua casa. Dias inteiros passei num isolamento de aborrecer. Entretanto, fora diverso o teu proceder nos primeiros tempos de nosso casamento. Quando saías, mal eu te pensava na rua, mal eu começava a sentir a tua ausência, estavas de volta. Fui-me habituando a essa Constância fictícia. No dia em que te retardaste, pela primeira vez, chorei e nem soube, porque nunca te perguntei, a hora em que tornaste da rua... Onde estiveste? Nunca quis saber. E, até hoje, nunca te pedi a menor palavra sobre o teu procedimento...

—E como homem, senhor pleno de seus atos, eu te negaria informações.

—Pois bem! Para evitar essa negação, nunca tas pedi, ciente e consciente de que sobre o meu procedimento, dentro do nosso lar, não te devo satisfações... São elas por elas...

—Abusas...

—Corrige-me se puderes... Não és o meu marido?... Toma conta dos meus atos! Soubeste que te trair?... Mata-me, ou expulsa-me de teu lar. Faze o que

entenderes, certo de que atrás de mim haverá quem vingue as tuas incontinências e perversidades...

—E sabes quem é a minha amante?

—Se sei, Simeão?!...

—Crias um conhecimento para justificares a tua falta. Mentas, pois: não conheces ninguém...

—Só com o riso!... Ah!... ah!... ah!...

—Toma tento, Violante: enveredas por um caminho em que a minha paciência se esgotara afinal...

—Ainda em cima me ameaças?

—Sou senhor dos meus atos, dono de minha casa, e exijo que me confesses tudo... Quem te mentiu que tenho uma amante?

— Ninguém!

—Ninguém, como?

—Desconfiei e fui ao teu encalço...

—Não falas a verdade, Violante.

—A certeza das coisas é adquirida quando nos abeiramos delas. Moléstias mortais, por miasmas exalados dos paus, só as contrai quem lhes vai à beira. Acompanhei-te os passos... Foste ao subúrbio... Olhas-me agora atravessado? Nega então que te falo a verdade como ela é?!... Por favor, desmente-me, se és capaz...

—Juro-te que não sei do que se trata.

—Perjuro!... Então, toda a manhã não vais daqui à casa de Idália... Não me interrompas, não... toda a manhã, não passas lá horas esquecidas, quando saís não fica ela por traz da gelosia a acenar-te e tu a corresponderes-lhe os acenos de apaixonada despedida?

—Ousada! Além do mais, injurias à mulher de um amigo da nossa família...

—E que é a tua amante...

—Pois se é, está tudo muito bem... Escolhi-a por minha muito livre vontade... Constou-te já que eu tivesse desrespeitado o nosso lar? As minhas obrigações maritais concluem-se, quando saio, na porta da rua, e começam, quando entro,

no mesmo ponto em que as deixei... Portas a dentro, estou eu casado, e arrependido de ter renegado a Jessy a quem jurei culto eterno, alias, em tempos melhores... Casei por uma suposição de momento: a solidão de solteiro era um suicídio de todos os dias. E só não me enganei em supor que o matrimonio me facilitaria relações difíceis antes de ter as qualidades de senhor duma mulher... O mundo inteiro me foi pequeno sempre que tive em mente a tua companhia, e, inda hoje, Violante, se me lembro de ti, o maior prado é um pequenino jardim, o maior céu é a entrada de uma furna... A companheira é um tormento. Tomei uma amante... mas, dentro desta casa, fui sempre o mesmo homem respeitador...

—Outro tanto te alego eu... Mentirá aquele que disser me ter visto, sorrateira ou clandestinamente, embuçada ou mascarada, penetrar em lugares escusos, ou ao lado de algum homem que não fosses tu... Casei-me por inexperiência... Supus ser inextinguível a paixão momentânea que ditou o ato de meu infortúnio... Escravizei-me enquanto o meu marido também foi meu escravo... Libertou-se ele, libertei-me eu... Adquiriu uma amante...

—Retém-te, Violante!...

—Não! Hei de dizer-te como tu me disseste... Ninguém pode viver longe do pecado depois que pecou uma vez... Também tenho um amante, sr. meu marido!...

—Intolerável!

— Também tu o és!

—Adultera!

—Deixemo-nos, Simeão, de apodos... Tenho língua e liberdade para tos devolver todos, um por um...

—Saber-me traiu...

—Nada mais natural: queimou-te a brasa com que me queimaste... Quando nada, não terás de lastimar a alarvidade da tua esposa... Foi uma mulher digna do marido que lhe deram...

—Sinto faltar-me a luz da vista...

—Impressões, Simeão.

—Pois é justo que me consinta enganado?

—Não nos desonramos...

—É um consolo ridículo.

—E que dirias tu se traída eu não te traísse igualmente?

—Diversa é a situação do homem, Violante.

—O casamento nivela os direitos de ambos os sexos... Espontaneamente nos submetemos a esse regime de igualdade...

—Doloroso!

—Assim exclamei, Simeão! Agora, porem, me sinto melhor: não me enganaste, e isto deve ser glorioso para ti, enganamo-nos...

—E o teu amante?

—Dispensa sabê-lo...

—Ah!... Repilo a lembrança que me ocorre... Não, não é possível!... O massagista...

—Rende justiça à tua mulher, Simeão! Pois não vês que eu me não vingaria de ti amando um homem indigno por todos os títulos, que te fizesse corar perante a sociedade, e que me fizesse enrubescer diante de ti?

—Então... Desabafa-me!... Sê completa!

—Insistes em conhecer tudo?

—Não duvides que o quero de coração.

—É Lourival...

—O marido de Idália?...

—De certo.

—Ah! como somos, do modo mais vil, dois espelhos que se refletem conjugadamente...

—Mas eu estou vingada...

*Interrompendo-os, a criada de copa, do lado de fora do salão, perguntava aos harmonizados esposos, se podia servir o jantar...*

*E quando a sala se reabriu, reinava ali completa paz...*

## O VELHO MÉDICO

*O mostruário exhibia, garbosamente, os artigos da moda rigorosa.*

*ESTEFÂNIO e JUDITE—esta desprendendo-se de si no devotamento ao esposo, e aquele, dominador da mulher vencida em mais anos, como se lhe tivesse o corpo de cor, curvas e linhas, luzes e perfumes—gozavam o esplendor dos luxos, com que o artifício corrige os defeitos da Natureza e apaga os estragos do Tempo...*

*MARCO ANTÔNIO—o médico afamado—cofiando as enevoadas barbas em que se escondiam as ilusões do seu poder curador, arrancou os olhares dos dois esposos, e apoderou-se, com fascinante domínio, de suas atenções...*

—Bem pode a terapêutica dos homens... Vejo-o restituído ao fulgor da mocidade...

—É exato, doutor, passo agora sobre as moléstias como a insensível salamandra por sobre chamas... Descrendo da causa, não posso afetar-me com os seus efeitos: a sua medicina é a criadora das humanas torturas. Parece-me que já se disse: “Tirem os médicos e as enfermidades desaparecerão”... Mas, eu digo: fugi deles e estou curado. Dêem-me milhões de médicos e estarão formados trilhões de doenças.

—E quem te curou, meu caro?

—A natureza...

—O novo deus pagão...

—Assim diz o dr., mas, de fato, a inesgotável fonte de poderes curadores. Lembra-se de que o procurei exasperado com o que sofria?

—Lembro-me, sim.

—Foram tantos os diagnósticos que já perdi o direito de dar-lhes autorias.

—O sr. era verdadeiramente um doente.

—E o dr. escreveu uma longa lista de medicamentos para horas certas e invariáveis.

—Realmente.

—Pois confesso-lhe: não fiz uso de um só. Também o doutor não foi o último médico que me assistiu. Ainda hoje louvo-lhe a sua acuidade na inspeção. Nada faltou à sua perspicácia, senão compreender que, no meu estado, as suas perguntas eram outras tantas sugestões e novos sintomas para a agravação de

meu mal. Eu vivia desvairado na vontade de acusar males crescentes, e os meus assistentes porfiavam em ilustrar-me em torturas inéditas.

—Afinal... quem te curou?

—Dir-lhe-ei tudo, de começo. Hygia, a deusa da saúde, não é de todo má...

—A historia vai ser a mesma de todos os doentes restabelecidos: salvaram-se pela ação do dedo de Deus, como teriam morrido pela intervenção do doutor...

—Creio que o sr. adianta um mau conceito. Não me tenho na conta dos casos comuns.

—Desculpe-me.

—Pois não! Mas, a minha doença foi uma criação dos meus médicos, e a minha cura proveio de minha inabalável resolução de abandoná-los. Eu estava em ultimo grau de desengano quando o doutor foi chamado. Voltei assim às mãos de um alopata. Homeopatas e feiticeiros nada fizeram de resultado para minorar os meus padecimentos. Quando adoeci, aos vinte e três anos, foi numa convalescença de enfermidade efetivamente assassina: o amor. Eu tinha conseguido, pela vez primeira, objetivar uma paixão. E, não só isto: tivera, com todo o delírio próprio da idade, a posse fácil, e passageira contra a minha vontade, de uma mulher amada. O mundo inteiro concentrou-se, ao meu sentir, nos violentos pesadelos de minha carne inexperimentada. Foram sessenta dias, mil quatrocentas e quarenta horas, ou oitenta e seis mil e quatrocentos minutos de frenético jogo de instintos, durante os quais as paradas assediaram-me a alma, remontando as fichas do meu gozo ao máximo possível. O prazo desse amor fora, entretanto, fatal. Esgotou-se e a mulher fugiu-se-me dos braços como a espiral do fumo que procura as alturas. Ao depois disto, separado do entretenimento carnal, que me combalia as fibras, como a água que vai abalar as galerias subterrâneas para derribar as minas, tive a sensação do remorso de um grande crime...

—De um crime delicioso...

—Talvez, doutor.

—E então?

—Encegueirado pelo amor, o mundo ficou às escuras sem a luz do olhar dela. Quis correr nas suas pegadas, e senti-me tolhido como a voz na garganta do atormentado por um pesadelo. Vi em todos os convivas de minha existência, terríveis sombras fantásticas... E tudo findava sempre num choro convulso, durante o qual me punha a tremer com tanta violência quanta fazia estremecer todo o assoalho de minha alcova e soar fora de tempo a campainha do relógio

sobre a mesa... Senti-me muitas vezes balançado como a esferazinha de madeira que anima o trilo dos apitos...

—É curioso, deveras, o seu caso.

—Foi, doutor.

—Sim! Foi! E hoje sinto não lhe ter visto nesse tempo originalíssimo.

—Mas viu-me um outro médico e diagnosticou-me: um paranóico.

—Paranóico?

—Exatamente, doutor, e vá vendo. Aconselhou que eu me tratasse com banhos de luzes. Escravos do sentimentalismo clínico desse primeiro médico, os meus pais esgotaram uma fortuna e eu fui enormemente banhado, a contragosto, com luzes de todas as cores. Era inócuo o tratamento para me fazer bem, mas foi uma agravante dos meus males Exacerbei-me. Os meus nervos polarizaram-se como se aguçados por alta dose, mas não tóxica, de estricnina. Veio um segundo médico—já a esta hora e ha muito tempo—vitimado por uma embolia cerebral. Olhou-me e disse, carrancudamente, diante de uma das minhas crises de saudade carnal: “são delírios epileptiformes”... E o tratamento passou a ser feito com altas doses de bromureto. A minha enervação deprimiu-se, e tornei-me um atoleimado, tanto que nem pranteei a morte de minha mãe, desgostosa com a minha trágica existência... Novo médico; vim a ser um simples neurastênico, com atonias nervosas. Reconstituintes, passeios, boas alimentações, prazeres, etc.: nada, porem, matava as saudades do meu instinto animal. Comecei de padecer do estomago, ora por excesso de alimentação, ou por escassez... Fui um dispéptico, padeci de insônias, tornei-me um narcoticomano. Na insônia, senti faltas de ar: novos médicos e fui um cardíaco, um artério-clerótico... Abusaram de iodetos e tive hemoptises. Um Esculápio chamado às pressas, levando em conta a minha magreza, o sangue esvaziado dos meus pulmões e o histórico dos meus sofrimentos, num rápido prognóstico, anunciou a minha morte breve, por força de adiantadíssima tuberculose. Quando os doutos senhores me interpelavam, nunca tiveram o escrúpulo de ouvir-me no que sofria somente: sugeriam-me cousas que só dali por diante eu começava de sentir. E veio um curador homeopata: os seus remédios ingeri com facilidade, pela falta de sabor. Cai num abatimento nervoso, e um vizinho, que se enforcou dias depois porque se sentiu arruinado nas suas forças comerciais, lembrou que os maus espíritos encostados aos corpos de pessoas novas, faziam artes do demo... E não só apresentou a conveniência de ser eu rezado, como também foi buscar uma velhinha, encarquilhada e brônzea, que, de sobre o meu corpo, deitado de bruços na cama, esconjurou o meu malfeitor, com um galho da famosa arrudeira...

—E nem rezado, sr. Estefânio?

—Para o doutor ver! Nem rezado!

—É única a sua historia.

—Creio que sim, mas verdadeira. Notou-se, ao depois, que eu tinha mau funcionamento renal... E foi quando o sr. foi chamado.

—Assim acaeceu.

—E inda pensa o doutor que eu tivesse afecção nos rins?

—Se me não falha a memória, efetivamente.

—Pois escute: logo depois de sua intervenção, repudiando eu os medicamentos que o doutor indicou largamente, dois colegas seus foram trazidos em conferencia.

—Que disseram eles?

—Discordaram preliminarmente do doutor, e discordaram entre eles mesmos. Do doutor discordaram reputando sãos os meus rins.

—Sãos, ou curados?

—Curados, não. Inatingidos até àquela data. E firmaram o diagnostico de uma hepatite aguda, um encontrando atrofia do órgão e o outro hipertrofia.

—Mas, afinal, acertaram?

—Supõem que sim, porque ao depois da assistência deles recuperei a saúde.

—É espantoso, meu caro senhor.

—Não é, não, doutor. Ao tempo em que descri dos médicos, tinha reaparecido a mulher que eu amara. Visitou-me. Inflamamo-nos, e... estamos casados, não foi assim, Judite?

—Parece-me!

*Assim exclamou, apenas, a sedutora mulher, com os olhos espelhando o enfeitiçamento de um lindo manteau exposto no mostruário de modas e confecções... enquanto o velho Doutor enrugava solenemente a espaçosa frente...*

## O POETA MORIBUNDO

*Luxuoso salão de recepções: por entre cavaletes com quadros de fina pintura, em que aparecem, de par com estrangeiros, o gosto de Parreira e a vocação de Presciliano, vasos com flores, e, no meio das tapeçarias, dos fauteils e das luzes, um majestoso piano Ritter.*

*HELOÍSA acabou de executar, com todo o aplauso do maestro CHRISTOVAM DETMER, a linda fantasia—Le poète mourant—de Gotschalk.*

*As últimas notas perderam-se artisticamente: o maestro cheio de admiração e preso da infinita tristeza, dobrou-se e beijou os dedos que obedeciam á grande inspiração de HELOÍSA.*

*Esta olhou-o e transfigurou-se como uma alma reflexamente combalida pela dor de uma alma irmã...*

—Como esse poeta, Heloísa, que o grande musico fez morrer nas notas bemolisadas do piano, finou-se hoje o nosso amor... Enquanto executavas e os teus dedos arrancavam da alma do instrumento piedoso os sons do passional poema lírico, me concentrei e te afirmo que a visão não desprezou a audição, pois vi e ouvi toda a cena, desenvolvida entre personagens vivas, que se moviam, se socorriam e testemunhavam o desfalecimento do artista moribundo. Durante minutos que serão inigualáveis na minha existência de musico, aqui estive ao teu lado, frio como uma estatua, hermético como uma esfinge, e não denunciei, pela ruga menor de meu semblante, a dor imperiosa que me enervava a existência. Vim do gabinete privado de tua mãe, que se transformou pacificamente no Satã de nossa felicidade. Falei-lhe ardoroso, como se lhe dissesse uma ária de Beethoven, contei-lhe minucioso e preciso a longa historia de nosso amor. Vejo, agora, que, por vezes, fui minudente de mais, rememorando o platonismo inédito com que te amei a alma de artista e não o corpo de mulher. Ao depois de ouvi-la, vim inspirar-me para o sacrifício no teu talento. E saio de tua presença iluminado como o prescrito que recebeu o balsamo do conselho cristão para subir em seguida ao patíbulo. Dá-me, pois, o conforto de tua confiança última: amaste-me alguma vez?

—Que pergunta, Cristovam.

—Indiscreta?

—Não; ao contrário. Amesquinhante...

—Estranho-te.

—Não ha razão. Porventura pensarás que te amei e não te amo agora? Acaso a minha mão de mulher para te ser dada dependerá de alguma coisa irreduzível diante de minha vontade ativa?

—Sinto-me lisonjeado, de fato, com a tua Constancia, Heloísa. A cor dourada dos teus cabelos que te faz distinta entre as cabeças belas de todas as mulheres, neste instante, afigura-se-me a grinalda de luz com que se enfeitam as santas nos seus altares. Mas, um maestro, um homem que sabe música simplesmente, que é apenas um artista, é pequenino de mais para ter uma pretensão de amor. Eu me pareço com esta figura lendária de Kadjira que destruía as rosas por prazer. No reinado das fantasias de ouro e de fidalguia com que se entontecem os teus pais em sonhos egoístas, cheguei, como a perversa princesa turca que despetalava rosas, derrocando castelos, para me conter na ilusão em que me deleitava somente com a audiência da negativa inclemente de tua mãe. Confessou-me que maldava de todo o nosso amor, desde principio. E porque, se assim era, protegia a ampliação de um sentimento que deveria ser, como os filhos defeituosos das ciganas que são atirados ás piranhas, destruído no nascedouro? Antes que eu lhe comunicasse, falou-me em que se correspondias aos meus cálculos de matrimonio, era porque, doidivana como toda criança, jogavas a péla na orla do precipício, esperando o aviso amigo para te retirares gloriosamente... Negarás, Heloísa, que tinhas consciência de minha pretensão? Sofismarás, em favor da excomunhão que me lançou a tua mãe, e contra a clareza da ordem que me deste afim de se oficializarem as relações do afeto, que nos encaminhava de um ilusório paraíso? Responde com o talento imensurável com que sempre me amaste...

—Falas desatinadamente, Cristovam, numa contingência em que deverias possuir o maior tino dos homens.

—Tens o dom solar de iluminar o mundo pelos flancos, se uma nuvem pesada se antepõe á sua esfera...

—Sinto-me transfigurada. Amo-te ainda, e não te hei de amar fora do regozijo deles...

—Dos teus pais?

—Sim. Acharias estranho se te dissessem que duas sementes postas em tuas mãos estariam vegetais só ao sopro de um faquir indiano. Porque admitirias que a minha vontade fosse forte bastante para romper a marcha das intenções dos meus pais sobre a minha razão de ser mulher? Por ventura sem o sopro do faquir as sementes germinariam e atingiriam as formas de seres definitivos? Não suporás que, sem aquele sopro, algo se realizasse. Como supores que sem a vontade dos meus maiores a nossa união se perpetraria ao teu sabor?

—Desconheço-te já...

—Mas, porque...

—O sofisma substitui a tua lógica: o amor cedeu o posto á quizília dos outros...

—Esperarias o meu consorcio sem o consenso dos que me deram a existência de mulher?

—Nem sei de mim mesmo que te responda...

—Não poderias esperar. Se eu fosse livre, se a lagarta para ser papílio não carecesse de passar por ser crisálida, nem eu te mandaria impetrar a sanção que nos faltou, nem os que no-la negaram teriam razões para tal fazer. Aborrece-te o trovão? amedronta-te o corisco? Queres ver-te livre deles? Crê num Deus e pede-lhe a extinção... Infelizmente, Cristovam, nem o trovão se extinguiria, nem o teu querer triunfaria... De um lado, Deus seria impotente para te dar o que pedisses porque não terias o direito de pedir... Só pede quem pode pedir; se se pede é porque de quem dá depende o pedido; e se o pedido não é dado, procura a causa na insuficiência e na sem-razão de quem pediu...

—Mas...

—Nada adianta, Cristovam. Corresponde ao meu inquérito e nega-me, se conservares a razão, que tenho o bom senso desejável ás criaturas perfeitas. Queres responder-me?

—Nada significará o que te responda.

—É preciso que sejas categórico.

—Pois sim: responder-te-ei.

—Poderias tomar-me como tua esposa sem, obteres a minha vontade?

—Por certo que não.

—De minha parte a questão é outra: teria eu o direito de responder por mim num caso expresso de matrimonio? poderia ser único o meu querer?

—Se quisesses, sim.

—Não é assim, não. Porque não me tomarias por mulher sem o meu assentimento? Por impoderoso diante de minha definição adversa. Porque não me daria eu por esposa sem o consentimento dos meus pais? Por impoderosa diante da pronuncia deles. Se tu pudesses alcançar de mim o amor sem vontade, desnecessário seria impetrar-me; se eu dispusesse de meu corpo

sem a intervenção dos que me formaram do nada em matéria e em alma, nem cogitaria de enviar-te a eles...

—É um dilema sofisticado.

—Por que princípio, não sei.

—Um dia, quando eu te disse que me abrasava na sede do teu amor, Heloísa, como correspondeste a esse lapso do meu instinto?

—Do modo mais franco.

—Sim... Dando-me apaixonadamente os teus lábios para neles, como eu quisesses, matar a sede que alegava...

—Dependia de mim. Dei-te.

—De outra vez pedi-te um testemunho da correspondência de tua paixão. Negaste-mo?

—Não poderia negar.

—Exatamente. Levaste-me, com todo o carinho, a destra ao colo, e, na grandeza das iteradas pulsações cordiais, afirmaste que eu reconheceria a intensidade do teu sentimento...

—Dependia de mim. Pratiquei.

—Por fim, quando te acenei com o plano de nossa união...

—Como te respondi, Cristvam?

—Com a primeira negaça.

—Adulteras a minha intenção: cumpri o meu dever, enviando-te á mamã, como o caminho propicio para vencer o papá.

—Realmente, Heloísa. Sou um vencido.

—Garanto-te, porem, Cristovam, que te amo, ainda, como te amei...

—Irresistível tormento para mim: serei eternamente o artista obrigado a consumir uma grande obra musical sem a inspiração para a realidade do dever...

—Desistes, então, do teu amor?

—Razões me sobejam...

—Que te disse, afinal, a mamã?

—Isso mesmo. Falou-me em que queria um marido para a sua filha e lembrou-me que um musicista não compõe sem ter inspiração...

—Nada de mais, Cristovam!

—Talvez não queiras compreendê-la... Mas é tudo que se pode alegar contra um homem...

*E, louco pela música, inconsciente quase, CRISTOVAM DETMER assentou-se ao piano e executou, irreproduzivelmente, a esquisita criação de Gotschalk, ao depois do que, cerimoniosamente, se despediu de HELOÍSA...*

## VOLUPTUOSAS

*No rés-do-chão de um palacete, coadas as luzes do sol por arrendados stores pálidos, HELENA fazia sono à hora da sesta, quando MARIA ANGELICA a surpreendeu adormecida.*

*A recém-vinda impregnou o ambiente de essência de íris, enquanto uma voluptuosidade enervante empurpura a linda cabeça desmaiada de HELENA...*

*Um beijo sobre os lábios da desacordada mulher, fê-la despertar com um frêmito de prazer...*

—De onde vens tu, Angélica?

—De encomendar flores...

—Flores?!

—Não te recordas de que Sophia se casará amanhã, à noitinha?

—Sou uma esquecida.

—E ela é credora de nossas gentilezas...

—Das minhas, especialmente.

—Encomendei orquídeas e crisântemos.

—Que gosto! De minha parte vou mandar-lhe duas magnólias.

—Belas flores, realmente. Mas, a natureza esmerou-se no chiquismo das orquídeas. Uma catlêia é um pedaço de lábios excitados por dois beijos.

—Não lhes acho graça.

—Ó exigente!

—Flores do mato. E já notaste que quase todas elas são lilases e roxas? ou que se enfeitam com estrias e matizes dessas duas cores melancólicas?

—Descobres coisas...

—Mas, não é?

—Realmente.

—E como vais presentear uma noiva com flores lilases?

—É a moda, é o *chic*, é o *dernier-cri*...

—Olha! Nas minhas bodas manda-me flores alvas, muito alvas, crisântemos rosa, cravos, magnólias... Compreendeste-me?

—Se não! Agora, coisa notável: eu te vejo com as faces pálidas e os olhos muito brilhantes...

—De verdade?

—Sim. Sonhavas?

—Nem me lembro! Parece-me que sim. E tu estás intensamente corada...

—Apanhei muito sol.

—Os teus olhos estão pisados e languidos...

—É da fadiga do caminho... Desde cedo na rua, exposta, Helena, ao calor que abrasa e ao sopro canicular que afeia os penteados...

—Já tinha reparado: os teus cabelos estão desmanchando-se...

—E eu os concertei no espelho de Esther.

—Andaste lá, hein? Já havia desconfiado... Quando te vejo amolentada, assim, tenho razões para me enciumar... É muito descuidada a Esther. Cuida mal das vestimentas das amigas. Olha o teu cinto, Angélica... Está mal posto, a fita está retorcida...

—Nem reparei...

—Disto não és culpada, por certo... Eu não te deixaria sair daqui tão mal-amanhada. É de causar vergonha.

—Foi a pressa, Helena.

—E no teu ombro a seda está nodoadada...

—Nodoadada?!...

—Sim! Vêem-se duas curvas vincadas como os bordos de uma... Nem sei mesmo que diga... Parece-me que te morderam o ombro?!...

—Quem o poderia fazer?

—Esther.

—És ciumenta! Fica sabendo: foi no jardim quando eu encomendava as flores. Deve ter sido água das rosas, Helena, que aqui caiu... Estás satisfeita?

—Muito pouco. Quando muito, iludida, minha flor, mas não convencida...

—Tu me censuras, e eu que te surpreendo com um esquisito fogo no olhar úmido?... Terá sido algum sonho delicioso... A tua voz mesmo é arrastada como a de quem se fatigou num excesso de venturas...

—Que venturas posso ter?

—Em sonhos podemos ser venturosas como jamais seremos na vida real... Morfeu capricha em povoar-nos a mente com espetáculo espantosos. Ha vezes em que, se eu pudesse, esganaria quem me desperta... E outras ocasiões, quando volto a mim sem provocação, sou pronta a espantar-me porque me acordei e não morri no meio do prazer sonhado...

—Ha sonhos, efetivamente, que se não deveriam acabar... E não sentes calor, Maria Angélica?

—Algum.

—Neste caso...

—Que fazes?

—Dispo-me. Não me imitas?

—Pode ser. Passarei a tarde contigo...

—Despe-te, pois... Tira o casaco... Desafoga o colo desta gola assoberbante... Não tens jeito?... Chega, que te libertarei...

—Tira os alfinetes.

—Usas um bom pó de arroz, Angélica.

—Ui! Helena!

—Que foi assim, ardilosa?

—Espetaste-me as carnes...

—Também é uma ruma de alfinetões...

—É para segurar bem.

—Tens uma pelugem de arminho...

—Ai!... Assim não... não...

—Que tens, rapariga?

—Beijas-me, Helena, com uns lábios quentes e gulosos... Só me deste vontade de...

—Ui!... ui!... ui!... Fazes-me um frisson de arrepiar-me os pelos...

—É para vingar o teu beijo...

—Porque me olhas assim, Angélica?

—És de uma alvura surpreendente, minha amiga. De teu corpo rescende um perfume originalíssimo que me entontece...

—Aprendi a perfumar-me com as gregas. Li num livro que uma beldade se cobria de perfumes para agradar aos amantes. Eu o faço para atrair as amigas como tu... Uma grega banhava as pernas numa bacia de prata em que se confundiam os aromas do nardo de Tarsos e do metôpion do Aigipte. Nas axilas atritava mento e sobre as pestanas e nas pálpebras marjolana de kôs. Ao depois, a escrava defumava-lhe os cabelos desenestrados com espirais de incenso, que combinava admiravelmente não só com a essência de rosas de Fasêlis que lhe embalsamava a nuca e as faces, como também a bakaris que se lhe derramava sobre os rins. E, por fim, entre os seios, corria o celebre oinanthê das montanhas de Chipre... Sei perfumar-me, Maria Angélica...

—Bem se lhe pareciam as gregas, tuas mestras...

—Entre os meus seios, inda ha pouco, deixei correr um fio languido do irresistível Royal-Begonia, e nas axilas pus algodões embebidos na essência de rosas... Nos meus cabelos derramei óleos de sândalo, para contrastar com as evoluções das essências de jasmims que perfumam as minhas vestias...

—E na posse de tudo isto praticas uma má ação, Helena!

—Qual?

—Essa de referires tantos perfumes e não me dares nenhum a provar... És avarenta, como ninguém, e eu cobiçosa de gozar...

—Vai ao meu toucador e gasta do que quiseres...

—Teria graça!

—Porque assim?

—Gosto das flores nos vegetais, das essências nos corpos das mulheres. Quero experimentar com o olfato o odor único que se desprende das tuas carnes...

—Tens desejos masculinos, minha queridinha!

—E é o que me faz lamentar-me: junto de uma graça não ser um Adônis, junto de uma Helena não ser cupido... Se eu pudesse embriagar-me com os teus perfumes e desmaiar de prazer entre os teus prazeres, seria mais feliz do que Sirinx, louca de paixão, Biblis, única na insaciabilidade, ou Mnasidika, macia como um veludo... Helena, tu és uma perfeição...

—Mofadora!

—Mofar eu de ti?!...

—Não te abrasa o calor?...

—Sim... Intoleravelmente...

—Safa o colete... Assim... Que lindo corpo, Maria, e quantas seduções na tua plástica vista através da transparência das gazes... Bem dizem os homens, sábios no sensualismo pagão, que o nu de véus é mais provocante do que o nu sem disfarces... Ha qualquer coisa de místico, de irreal, na mulher encoberta pela semi-fluidade de um tecido fino... Se eu te não conhecesse os segredos todos de tuas lindas curvas, te rasgaria agora, impiedosamente, o véu de tua nudez...

— Já sentiste, Helena, um prazer maior do que esse das carnes livres do arrocho de um colete ditatorial?

—Quantas vezes?!

—Tu brincas, mulher divertida...

—Provo-te com a citação: desperei o meu colete e não me sentirei mais provocada do que contemplando as tuas formas semi- nuas...

—És bárbara, Helena! Como encarceras um tão lindo quadril dentro dos opressivos liames de um colete... Ah! Como eu daria a vida por ser morena! O ventre alvo é uma desilusão, mas o trigueiro, como o teu, é um incentivo. Parece o tegumento de um fruto e provoca o instinto mais calmo...

—Não te agrada a minha nueza?

—Inteira. Agora, vê lá se te não impressiona mal a brancura do meu ventre...

—Ao contrário, Maria Angélica: é uma grande corola de pétalas alvas desenvolvida de um peluginoso cálice de ouro... É maravilhoso o teu contorno... Dignas formas para a perpetuidade de uma tela ou de um retrato...

—Deixarias tu que fosse apanhada a tua nudez?

—E porque não?... Sei que fascinaria... Queres fotografar-me?

—Que egoísmo leviano!

—Acha-o?

—Sim... Fotografemo-nos...

—Adorável!... Como não irradiará no clichê o contraste de nossas peles, o macio sombreado de um tropico sobre a tentadora alvura nevosa de um pólo...

*Os olhos das duas mulheres vestiu-se com uma luz liquida como uma solução de perolas e opalas.*

*Os seus lábios permutaram cariciosos beijos.*

*E, horas depois, MARIA ANGELICA e HELENA, retratadas por uma aia, desvendavam as suas abrasadoras nuezas à inveja de ESTHER...*

## NEDA

*Manhãzinha.*

*A sala, de azuladas paredes seminuas, estava pobrememente mobiliada: era no saguão da casa, e as duas mulheres entraram às tontas, até se abrirem de par em par as gelosias.*

*SAUL, de NEDA esposo, ficara a dormir na alcova.*

*E NEDDA, abismada com a indiferença dele que apenas lhe não dirigia um monossílabo desde a hora do fato, compreendeu logo que DONA LOURA, a sua mãe, era uma interprete das indisposições do genro...*

*Num canapé, as duas mulheres, DONA LOURA, arcaica nas suas vestias de capote e turbante, e NEDDA, deliciosamente matutina num roupão branco que descansava, sans-dessous, sobre a finíssima camiseta de cambraias,—sentaram-se, afundando em côncavos a palha flácida do cansado móvel...*

—Esperava-te, mamã, qualquer das horas. Quando vejo Saul levando-me entre dentes e indisposto como um burguês dispéptico, silencioso como uma esfinge e entristecido como um beato sem almoço, adivinho logo que vens por aí como a mensageira da paz. E ele foi procurar-te ontem à tarde...

—Exatamente.

—Previ tudo isto. Ha cinco dias que nós não falamos, e, pensando-o na rua, ontem, vim ter aqui. Foi quando topei com ele, sentado naquela cadeira, lendo a Bíblia, ou folheando-a, apenas... Vendo-o, assustei-me e não contive um gritinho de susto. Mas tornei imediatamente sobre os meus passos. Ha quatro anos que somos casados e nunca passamos dois meses sem uma rusga. É sempre ele quem as promove com um ressaibo de mal-entendido ciúme. Aceito sempre o seu rompimento e nunca lhe dei a honra de capitular nas hostilidades. Quando elas são de nonada, aqui mesmo se resolvem; mas, quando avultam como agora, ele te vai buscar como intercessora. Já sei que vamos ter, como sempre, uma crise de amorosidades que me enfastiam. Lastimo é não conceber um filho desse homem para o embeijar pela nova criatura e sentir-me menos jungida às suas intemperanças de... mal educado! Às vezes, chego a ter nojo do senhor meu marido...

—Que blasfêmia, Neda! Dizes isto do teu esposo com um sangue frio que me pasma...

—Devias esperar isto. Casei-me contra a minha vontade ao depois de ter o assedio do seu amor por mais de cinco anos. Tudo inventei para que um tal matrimonio não se fizesse. Por ultimo espalhei, e fiz conhecer-se em casa, por

torna-viagem, a mentira de que Saul é um tuberculoso. Tanto mais eu o aborrecia, quanto a senhora e o papá intervinham, patrocinando a causa do moço platônico. Dá-me, na verdade, um insistente desejo de rir muito quando lembro os idealismos dele, seguindo a minha sombra, porque nunca lhe deixei o direito de enfrentar-se comigo em parte alguma... Expus-lhe sempre que sonhos não me satisfaziam, nem eram para o meu temperamento homens vaporosos, poetas e doutores... Movi-lhe intensa guerra, apaixonando-me por Frederico Stöltze. Está! Com este provavelmente eu teria sido bem casada. O pobre “alemãozinho” levou o caso muito a sério e casou-se, logo que eu o abandonei, com uma defeituosa... Foi um despique, não há a menor dúvida, mas quem saiu perdendo foi ele. Saul é um temperamento de foca...

—Respeita o teu marido, minha filha!

—Pois não é, mamã?

—Essas coisas não se devem dizer...

—Não tratarei de ocultar o sol com a mão. Já disse e é mesmo: um temperamento de foca. Só quer hibernar sobre os livros, diante dos quais se abespinha como o animal sobre o gelo. Eu, porém, quero muito sol, muita luz, muito calor, muita atividade... Mamã, o que vocês velhos vêem no casamento é o interesse de colocar as filhas, porque ficando velhos receiam que nos tornemos muito sós no mundo. Por isso acontecem destas, casamo-nos com a vontade dos papás encarnada na figura de um homem que não é a correspondência de nosso instinto. Olha! Não intervirei nunca no casamento de ninguém: cada qual cometa a sua doidice como quiser, e, se escolher um lorpa como Saul, arrependa-se de si mesmo e não me culpe a mim.

—Tu vês no homem uma excitação, Neda, quando devias ver uma satisfação.

—Deixasses eu escolher como tivesse querido, e estarias livre hoje dessas trabalheiras de paz... Saul, antes de meu marido ser, sofreu toda a minha repulsa. Casada fui tolerante. Ele, no entanto, não sabe aproveitar-se de minha tolerância e quer subserviência, servidão, ou coisa semelhante... Está enganado! Devias ter sancionado a minha repulsa logo de principio. Lembras-te do convescote dado aos chilenos, nas Salinas? Tu não foste, e Saul, que era apenas meu pretendente sem a menor esperança, moveu contra mim uma intriga terrorosa, porque viu, no campo, o primeiro tenente Santander amarrar os cordéis de minha botina que estavam dificultando-me o andar. Deves recordar-te de como energicamente o reprimendi, quando soube que lhe cabia a autoria do contado... Note-se que era apenas um pretendente, como muitos havia, todos sugestionados pela minha beleza pouco comum neste bairro de mulheres feias. Afinal, mamã, que te disse ele desta vez?

—Saul compreende o amor como uma extasia, minha queridinha, e tu o compreendes como um devaneio. Isto é próprio para as meninas. Tu te esqueces, e nisto eu lhe dou razão, que és uma senhora escrava da moral esponsalícia. Contou-me o teu marido um fato em que ele te surpreendeu. Realmente, se as cousas se passaram como podem ser supostas, e ele não quer crer, tu andaste mal.

—Tu o ouviste, ele contou o acontecido a seu jeito... Ouve, agora, como tudo se deu...

—E dispensável Neda. O passado está passado. O que é preciso é que não dê lugares a aleives e que poupes os amuos. A alma dos homens também caleja. Os amuos fazem pequenos calos, mas tempo virá em que, calejada a alma, o amuo será definitivo.

—Que teria isso?

—Um escândalo, minha filha!

—Para adquirir a minha liberdade mamã, que tu sacrificaste, eu não me pouparei a um grande escândalo.

—Toma juízo, doidinha. É preciso acabares com estas zangas e receberes o teu marido como o teu senhor...

—Hein?... Não me zangarás, mamã, podes ridicularizar-me como entenderes... Não me darei por achada.

—Não promovo senão o teu bem. Resolve a crise e sê... mulher de teu marido.

— Já estás julgando o feito?

—Tu tens toda a razão, ele tem igualmente toda a razão. Harmonizem-se e sejam felizes.

—Pareces-me uma juíza a Salomão, com a diferença de que o rei hebreu ouvia ambas as partes em conflito, e tu julgas com a audiência de uma só...

—Interpretas muito mal o meu gênio.

—Não te interessa conheceres a injustiça de que sou acusada pelo sr. meu marido?

—Fala, minha filha! Mas tem a certeza de que, fosse qual fosse a acusação, eu nunca seria contra ti.

—Obrigada, mamã! Quero, entretanto, justiça, e que, como Saul, não julgues pelas aparências. Daria a vida para saber como ele te referiu o que se passou...

—Deixa o que ele me disse. Narra o que tu sabes...

—Pois bem! Na terça-feira, mamã, de combinação com Saul, resolvi passar uma temporada num arrabalde. E, devidamente autorizada por ele que me falou pelo telefone, fui à Barra correr uma casinha vaga e que nos serviria. De caminho, encontrei-me com o dr. Eduardo que, ao depois de saber ao que eu ia, daquele modo desacompanhada, teve a gentileza de oferecer-se-me para o serviço de abrir e fechar portas. Aceitei e foi ele quem tomou as chaves na taverna da esquina... Vê tu!... Não fosse ele e teria eu de entrar numa taverna, sozinha, arriscada a ouvir qualquer indecência... Ao depois, o dr. Eduardo foi quem abriu a porta... Como eu me ataria de luvas de camurça para fazer essa diligência?... Umhas chaves muito pouco asseadas... Corremos o primeiro andar da casa, e, quando passamos ao sótão, o meu gentil cavalheiro se lembrou de, por segurança, fechar por dentro a porta da rua... Subimos. Mal chegávamos em cima, começaram de bater numa porta. Poderia eu suspeitar que o meu marido, tendo ordenado que eu fosse, porque ele não teria oportunidade de acompanhar-me, logo depois resolvesse o contrário, e estivesse a bater na porta da rua? E foi por um acaso que nós o vimos. Chegamos inesperadamente a uma janela do sótão e percebemos que era ele quem batia. O dr. Eduardo, desculpando-se por já ter eu cavalheiro, despediu-se de mim, desceu as escadas, e, quando abria a porta, foi insolentemente agredido por Saul, que lhe negou a mão para o cumprimento do estilo... Só tu vendo, mamã, a fúria com que o sr. meu esposo investiu contra mim! Felizmente, desafiado pela minha calma, ele não teve animo para iterar o qualificativo mau com que me mimoseou. Dei-lhe as costas e, se ele quis, fechou sozinho a casa e veio só...

—Devias ter evitado tudo isto, Neda.

—Evitado, como?

—Não aquiescendo à companhia de um homem de má fama, como é o dr. Eduardo.

—Adivinhasse eu que ele viajaria para a Barra naquele mesmo bonde em que eu fui... Hora de trabalhos na cidade...

—Recusasses os favores oferecidos.

—Ora, mamã! Deixa-te de coisas! Qual é a mulher que se anima à grosseria de recusar gentilezas de um moço de distinto trato?...

—Conforme o renome desse moço.

—Tem má fama o dr. Eduardo?

—Não sei, não. Dizem.

—Se tem má fama, tem maus costumes. E como é que Saul, tão zeloso de sua honra, admite, no seu convívio e nas suas recepções, um homem mal visto? Penso que os frequentadores de nossos salões, os habitués de nossa intimidade, sejam pessoas dignas de acompanhar-me a um ponto qualquer, e, se não fosse assim, a primeira privação deles, seria a do nosso convívio...

—Neste ponto és razoável, sou eu a primeira a reconhecer... Mas, Saul referiu-me que estavas sem chapéu...

—De fato. Ao depois que o dr. Eduardo se despediu, esbarrei na telha van do sótão, e enchi as flores do chapéu de teias... Sabendo que o sr. meu marido ali estava para auxiliar a reposição, tirei o chapéu e asseei prestamente...

—Diz mais ele que estavas empurpurada e que te confundiste com a sua chegada, ao ponto de não saberes repor o chapéu...

—Saul é um mentiroso.

—Não te zangues, Neda.

—Injuriou-me.

—Não dês importância a isto e resolve-te a aceitá-lo pacificamente...

—E ele o quer?

—Porque perguntas?

—Porque tão honrado ele não deveria aceitar mais a coabitação da esposa desonesta.

—Não deves dizer assim, minha filha!

—Aceita-me ele?

—Que tolice, Neda!

—Mãe, Saul deveria ter agora a minha repulsa definitiva, e não a faço em atenção aos teus bons ofícios...

—Fazes muito bem.

—Lá vem ele descendo...

—Trata-o bem, minha queridinha! Um lar que não tem esposo...

—Desculpa-me, mamã: só agora reparo que estou muito à vontade para nos encontrarmos os três...

*Arrepanhando, então, o belo roupão desabotoado, por cujas rendas e decotes se viam as carnes lucíferas de NEDA, a mulher de Saul se escapuliu, desenhando escorreita o seu impecável corpinho de escultura grega...*